ANTONIO MILENA

UMA ODE AO FUTEBOL

Dentro de casa, responsavelmente, porque assim deve ser, o único caminho de contenção dos casos de Covid-19, boa parte dos brasileiros que gostam de futebol passou os últimos dias com uma diversão diante dos canais de esporte na televisão — acompanhar o repeteco de partidas antigas. Viram-se o tetra de 1994, o penta de 2002, Romário e Ronaldo, Dunga e Cafu, mas o que mais entusiasmou os amantes da bola, até os mais jovens, foram os jogos da Copa de 1970, e lá se vão cinquenta anos. Perante imagens antigas, de colorido apagado, com replays mostrados sempre do mesmo ângulo, narradores e comentaristas de hoje pareciam emocionados ao entrar no túnel do tempo. No SporTV, Cléber Machado não se conteve: "Olha só, eu narrando um gol de Pelé".

Esta edição de PLACAR celebra a aventura do tricampeonato no México, dentro e fora de campo. É uma homenagem aos grandes campeões, lendas eternizadas, uma ode a Pelé, Tostão, Gérson, Rivellino, Jairzinho, Carlos Alberto e companhia, mas também um convite para entender o Brasil daquele tempo, mergulhado no horror da ditadura militar e das torturas. Cinco décadas depois, com o devido distanciamento, é possível separar a glória esportiva do fracasso político. Se nossos pais e avós cantavam *Pra Frente*

Pelé, aos quase 80 anos, confinado em casa em virtude da pandemia, refaz o soco no ar: o grande símbolo de uma seleção eterna, a maior de todas

Brasil, queriam mesmo é que o ataque avançasse, como de fato o fez, em dezenove espetaculares gols, e não exaltar os generais de plantão. O cartunista Henfil (1944-1988), colaborador de PLACAR ao longo da Copa, corajoso crítico do regime, foi quem melhor soube apartar uma coisa da outra: cutucava os poderosos, ácida e frequentemente, mas fazia de seu traço uma celebração do chamado futebol-arte. Ele estava certo: se ainda hoje nos lembramos dos anos de chumbo, e é preciso relembrá-los para que não se repitam, é porque aquele tempo soa inaceitável, interregno terrível de nossa história. Já o escrete, a canarinho, aquele time — nunca ninguém o esquecerá. PLACAR se orgulha de ter nascido exatamente há cinquenta anos, de ter a mesma idade da maior de todas as conquistas, e aqui poder recontá-la — com a possibilidade de revisitar as fotografias e os textos publicados no calor da hora, nas edições distribuídas logo depois de cada uma das seis vitórias no México. Boa leitura, e salve a seleção.

revistaplacar

@placar

@RevistaPlacar

veja.abril.com.br/placar

placar@abril.com.br

FOTO DE CAPA: LEMYR MARTINS

PRORROGAÇÃO

VICTOR CIVITA (1907-1990) **ROBERTO CIVITA** (1936-2013)

Publisher: Fábio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor: Alexandre Salvador **Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro **Repórter:** Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto, Thais Anes Revelles **Editor de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Candido Rodrigues **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Ana Elisa Camasmie, Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisores:** Eduardo Perácio, Elvira Gago, Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparadores Digitais:** Adriana Gironda, Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia), Danilo Monteiro, Gabriel Grossi e Rodolfo Rodrigues (texto)

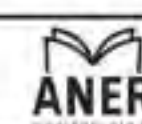
www.placar.com.br

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade), Daniela Serafim (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), Renato Mascarenhas (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento) DIRETORIA DE MERCADO Carlos Nogueira BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO, MARKETING MARCAS, EVENTOS E VÍDEO Andrea Abelleira PRODUTOS E PLATAFORMAS Guilherme Valente DEDOC E ABRILPRESS Alessandra Collado

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1 463 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP: 36020-110, Juiz de Fora – MG

www.grupoabril.com.br

CINEASTA
HOTEL

Festa nas ruas de São Paulo depois da conquista dentro de campo: tempo sombrio do chamado "milagre econômico" da ditadura militar

FOLHAPRESS

TUDO ERA UM SÓ CORAÇÃO

Meio século depois, ainda é difícil explicar a magia e o fascínio da seleção brasileira que conquistou o tricampeonato no México

Carlos Maranhão

O Brasil era muito diferente em 1970. Com seus 94 milhões de habitantes, bem menos da metade da população atual, tornava-se afinal um país urbano. Apenas dez anos antes, 55% viviam em áreas rurais. A proporção se invertia. Agora, 56% moravam em cidades, como resultado do êxodo que começava a inchar as periferias das metrópoles. Continuávamos, porém, bastante atrasados. Um em cada três brasileiros não sabia ler nem escrever (hoje temos 7% de analfabetos). Nas ruas, circulavam 1,3 milhão de automóveis (são 55 milhões atualmente). Existia 1,5 milhão de linhas telefônicas. Custavam tão caro que precisavam ser relacionadas na declaração de bens do imposto de renda. Os cobiçados trambolhos pretos demoravam a dar linha para que se pudesse discar (em 2020, há 37 milhões de aparelhos fixos e o número de celulares chega a 229 milhões).

Apesar disso, acontecia o chamado "milagre econômico" da ditadura militar. O PIB cresceu naquele ano 10,4%, e iria nesse ritmo até 1973. Nos anos anteriores, sucederam-se acontecimentos extraordinários. O homem desceu na Lua e voltou. Começaram a ser construídas em Nova York as torres gêmeas do World Trade Center. Foi feito o primeiro transplante de coração. Pelé marcou seu milésimo gol. Embaixadores sequestrados no Rio de Janeiro foram troca-

dos pela libertação de presos políticos e pela divulgação de manifestos que denunciavam torturas, conforme os apresentadores Cid Moreira e Hilton Gomes precisaram informar no *Jornal Nacional,* que acabava de estrear. Caetano Veloso e Gilberto Gil se exilaram em Londres, como tanta gente que partiu num rabo de foguete. Isso, no entanto, a censura não permitiu que fosse noticiado. O ditador Costa e Silva, apreciador de carteado e corridas de cavalo, sofreu uma isquemia cerebral e em seu lugar, após uma junta militar, assumiu mais um ditador, o general Emílio Médici, que assistia a jogos de futebol com um radinho de pilha sem nunca ouvir vaias e queria porque queria a convocação do centroavante Dario para a seleção brasileira.

A seleção estava desacreditada desde o vexame da Copa de 1966 na Liverpool dos Beatles. Ela despertava menos atenção que a novela *Véu de Noiva,* com Cláudio Marzo e Regina Duarte. Em vez do futebol, as meninas preferiam brincar com a boneca Susi e os garotos, com o Forte Apache. Foi então que a CBD, antecessora da CBF, teve a ousada ideia de convidar para comandar o escrete (falava-se assim) um de seus maiores críticos, opositor do regime militar e militante comunista: o destemperado e brilhante jornalista esportivo João Saldanha, ex-técnico do Botafogo. Para surpresa dos cartolas, ele topou (foi o verbo que usou ao aceitar de cara: "Topo").

Na mesma hora, escalou no 4-2-4 seus onze titulares — as "feras", como os chamou: Félix; Carlos Alberto, Djalma Dias, Joel Camargo e Rildo; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Edu. Com Saldanha, a seleção voltou a entusiasmar a nação. Em 1969, ela disputou treze partidas, incluindo as seis das eliminatórias para a Copa do México, que se realizaria no ano seguinte. Ganhou todas. A última, contra o Paraguai, teve o recorde oficial jamais batido de público no Maracanã, conhecido como "o maior estádio do mundo": 183 341 torcedores. No intervalo do jogo, foi anunciada a doença de Costa e Silva.

Apelidado de "João sem Medo", Saldanha não teve receio de desafiar o general Médici, que continuava insistindo na presença de Dario, o Dadá Maravilha, artilheiro de estilo atabalhoado. "Ele escala o ministério, eu escalo a seleção", disse Saldanha em uma de suas frases de efeito. Não demorou a arrumar novas encrencas. Afirmou que Pelé sofria de miopia, o que nunca foi provado, e foi atrás do técnico Yustrich, seu desafeto, com revólver na mão. Diante dos maus resultados dos amistosos na fase dos preparativos, acabou demitido, em circunstâncias não muito bem explicadas. A dois meses e meio da Copa, foi substituído pelo jovem treinador Zagallo.

ASSIS HOFFMANN

A seleção submeteu-se a partir daí a um primoroso programa de preparação física, conduzido por Admildo Chirol, Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira. Esses dois últimos seriam, no futuro, técnicos da seleção. Zagallo cortou alguns convocados de Saldanha e chamou outros, sem se esquecer de Dario, que nem no banco ficaria. Turrão, ele não aceitava que Tostão e Pelé jogassem juntos, mas no fim fez a coisa certa: escalou os dois e montou a equipe com o volante Wilson Piazza na quarta-zaga e Rivellino na ponta-esquerda, dentro do esquema 4-3-3. Os jogadores passaram a respeitá-lo como estrategista.

Conviveram durante cerca de três meses. Seus clubes eram obrigados a cedê-los por um longo tempo para a seleção. Durante os preparativos no Rio, alojados no Hotel das Paineiras, perto do Cristo Redentor,

O ditador Emílio Médici com o radinho de pilha acompanhando o futebol, mero truque para não ouvir vaias. Ele insistiu para que o centroavante Dario fosse convocado

muitas vezes realizavam treinamentos físicos subindo e descendo o Corcovado.

Nesse demorado período de concentração, sem as famílias, houve momentos de tédio e desconforto. O atacante Paulo Cezar se queixaria de que de manhã precisavam olhar um para a cara do outro e eram obrigados a dar bom-dia, mesmo se estivessem mal-humorados. O ambiente começou a mudar em uma reunião na qual Pelé deixou claro que estava empenhado em ganhar aquela Copa de qualquer maneira. Lembrou que já fora campeão mundial quatro vezes, duas pela seleção e duas pelo Santos, mas ambicionava mais. "Temos condições de trazer o caneco. Vocês estão comigo?", desafiou. Responderam entusiasmados que sim. "O ambiente fluiu dali para a frente", diria Paulo Cezar. "Ele soube tocar na nossa vaidade."

Essa foi a primeira Copa com transmissão direta pela TV para o Brasil. Nos Mundiais anteriores, os jogos eram acompanhados pelo rádio. Multidões se reuniam em praças para ouvir as irradiações por alto-falantes. Em certas cidades, a partir do que os locutores falavam, painéis luminosos tentavam reproduzir a posição dos jogadores no gramado. Torcia-se no escuro, com as fantasias alimentadas pela voz de Pedro Luiz, Édson Leite, Fiori Gigliotti, Jorge Curi, Oduvaldo Cozzi e Waldir Amaral. Em 1958, as imagens haviam sido vistas nos cinemas tempos depois. Nas Copas de

Cláudio Marzo e Regina Duarte, então a "namoradinha do Brasil": sucesso na novela *Véu de Noiva*, exibida pela TV Globo entre novembro de 1969 e junho de 1970

1962 e 1966, as TVs exibiam os vídeos dos jogos, despachados por avião, com atraso de dois, três ou mais dias, dependendo da localidade.

Tudo mudou em 1970. Graças à tecnologia dos satélites, onze jogos, incluindo os seis do Brasil, passaram ao vivo. Os demais, em VT. A geração vinha do México em cores, mas aqui se via em preto e branco. A grande novidade só seria introduzida no país em 1972. Durante a Copa, a Embratel, estatal das telecomunicações, fez demonstrações para autoridades e convidados, os únicos privilegiados com acesso às imagens coloridas em tempo real.

Por razões contratuais, as emissoras formaram um pool, com um único sinal. Cada jogo tinha um narrador: Geraldo José de Almeida (Globo), Walter Abrahão (Tupi) e Fernando Solera (Rede de Emissoras Independentes). As transmissões se iniciavam com o toque de cinco segundos e a palavra México enchendo as telinhas — os aparelhos eram pequenos comparados aos que viriam —, ao som da marcha de Miguel Gustavo que ficaria para sempre associada ao tricampeonato: "Noventa milhões em ação, / Pra frente Brasil (...) / De repente / É aquela corrente pra frente / Parece que todo o Brasil deu a mão. / Todos ligados na mesma emoção / Tudo é um só coração". Não havia quem não cantasse o hino de cor.

Igualmente pela primeira vez, havia replays dos principais lances. Mas pelo mesmo ângulo. Reprisadas hoje, aquelas tomadas de cena parecem saídas do túnel do tempo. O visual dos jogadores, também. Eles vestiam camisas de malha de algodão, que se encharcavam de suor e grudavam no corpo no decorrer do jogo. O goleiro Félix, que quase sempre precisava correr para apanhar pessoalmente cada bola que saía pela linha de fundo, usava uma camiseta clara embaixo da jaqueta preta e um suporte atlético sob o calção.

No dia 3 de junho, uma quarta-feira, às 19 horas de Brasília, o país parou hipnotizado para ver a estreia contra a Checoslováquia. Começava ali a mais espeta-

cular campanha de uma seleção brasileira em Copa do Mundo. Ela venceria as seis partidas, goleando a Itália por 4 a 1 na decisão. Desde então se discute se o time de 1958, que conquistou o Mundial pela primeira vez, com Didi, Garrincha e o imberbe Pelé, era ou não superior ao de 1970. Não há como chegar a uma conclusão. Pode-se argumentar que em 2002 o selecionado de Ronaldo, Ronaldinho e Rivaldo ganhou igualmente todos os confrontos (neste caso, sete). Mas o fato incontestável é que as atuações dos canarinhos nos cinco jogos em Guadalajara e na finalíssima na Cidade do México foram inexcedíveis.

Acima de tudo, havia Pelé. Aos 29 anos, pelos parâmetros vigentes podia ser considerado praticamente um veterano. Na verdade, estava no auge da maturidade técnica, atlética e intelectual. Dos dezenove gols brasileiros (média de pouco mais de três por partida), ele marcou quatro e teve a participação direta em outros seis. Seriam cinco se o árbitro não anulasse o tento legítimo que ele assinalou no último minuto do primeiro tempo da final, sob a alegação de que já apitara o encerramento da etapa inicial. Mais do que os quatro gols, ficariam eternizados os três — um mais fantástico que o outro — que, por caprichos da bola, não se converteram: o chute do círculo central que encobriu o goleiro checo Viktor e por um nada não entrou, o tapa virtualmente impossível do inglês Banks em sua cabeceada precisa, de cima para baixo, à queima-roupa, por muitos considerada a maior defesa já vista no futebol, e o drible de corpo, sem bola, no uruguaio Mazurkiewicz *(leia mais na reportagem da página 17).*

No vestiário, antes de entrar em campo, Pelé se esticava de olhos fechados sem que ousassem chegar perto dele. “Ninguém sabia se dormia, se sonhava ou se pensava no jogo”, recordaria Tostão. Quieto no seu canto, Gérson fumava um cigarro. O “Canhotinha de Ouro” acertava lançamentos de 30 metros para Jairzinho, artilheiro do time com sete gols — marcados em todos os jogos. Rivellino, que a princípio nem seria titular, foi autor de três gols empolgantes com a perna esquerda. O capitão Carlos Alberto reluziu do começo ao fim, como a Taça Jules Rimet que ergueu no Estádio Azteca, sacramentando o triunfo contra a Itália com um golaço que continua a nos arrepiar cada vez que é resgatado da arca dos tesouros acumulados nos dias em que éramos reis.

E o que falar de Tostão? Recuperado para a Copa de um descolamento na retina, ele foi protagonista de uma obra-prima: a criação da jogada que redundou na vitória por 1 a 0 sobre a Inglaterra, em uma das maiores partidas de todos os tempos. Estávamos no segundo tempo do jogo, iniciado ao meio-dia, no horário mexicano, sob um calor de 36 graus. Tostão acertou o cotovelo em um adversário, o árbitro não viu, jogou a bola entre as pernas de Bobby Moore, um dos grandes zagueiros da história do futebol, foi bloqueado, deu uma volta e, embora fosse canhoto, tocou com o pé direito para o lado oposto da área, sem saber para quem. A bola encontrou Pelé, que a dominou e passou de lado para Jairzinho estufar as redes. Os dois gols — o de Carlos Alberto e esse de Jairzinho — são exemplos definitivos da arte coletiva do futebol.

Ainda é difícil dimensionar em toda a sua extensão a epopeia de 1970, sobre a qual se falará mais nas páginas seguintes desta edição de PLACAR — revista lançada, por sinal, às vésperas daquele Mundial. “E as palavras, eu que vivo delas, onde estão?”, escreveu o cronista Armando Nogueira em sua coluna no *Jornal do Brasil* logo após a decisão. Passado meio século, continua sendo difícil encontrá-las.

João Saldanha, o “João sem Medo”, não teve receio de desafiar o presidente da República: “Ele escala o ministério e eu escalo a seleção”. Foi demitido pela CBD, trocado por Zagallo

CARLOS NAMBA

O CAMINHO PARA O TRI

A seleção saiu do Brasil desacreditada. Chegou ao México com antecedência, o que lhe permitiu fazer um longo período de adaptação à altitude. Partida depois de partida, o time foi se acertando, ganhando confiança e exibindo ótimo preparo físico. No final, foram seis vitórias em seis jogos. Eis a história dessa aventura.

Rodolfo Rodrigues

A história é bem conhecida, mas, de tão espetacular, precisa ser repetida até não mais poder. Pela primeira vez, uma seleção ganhou as seis partidas até conquistar a Copa do Mundo. No total, dezenove gols marcados e sete sofridos. A preparação teve altos e baixos. Entre abril e agosto de 1969, o time canarinho entrou em campo treze vezes e conquistou treze vitórias, contando os seis confrontos pelas eliminatórias. Ainda assim, apesar dos resultados bons naquele ano, depois de um empate no jogo-treino contra o Bangu (1 a 1), o técnico João Saldanha caiu. Zagallo ficou com todos os convocados por mais 75 dias até a estreia em Guadalajara (de inacreditáveis 111 dias de concentração). Tudo porque não houve competições oficiais no país naquele primeiro semestre — os campeonatos estaduais e o Robertão foram disputados depois do Mundial e os clubes brasileiros abriram mão de disputar a Libertadores.

Nada disso, no entanto, parecia acalmar a torcida e a imprensa. Zagallo fez sete amistosos que não convenceram ninguém. Insistia em não escalar Pelé e Tostão juntos e deixou Jairzinho como reserva de Rogério todo o tempo. No amistoso de despedida, contra a Áustria, no Maracanã (vitória por 1 a 0), o treinador cedeu à pressão e levou a campo um time quase igual ao da estreia na Copa: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Pelé; Rogério, Tostão e Rivellino. Jairzinho entrou no segundo tempo. Piazza, volante do Cruzeiro, soube minutos antes da partida que atuaria pela primeira vez improvisado na zaga. E o time passou a ter quatro craques que jogavam com a camisa 10 em seus clubes (Pelé no Santos; Gérson no São Paulo; Jairzinho no Botafogo; Rivellino no Corinthians; além de Tostão, outro meia clássico, que atuava com a camisa 8 no Cruzeiro). Foi assim, desacreditada, mas muito bem preparada fisicamente, que a seleção desembarcou em Guadalajara, em 2 de maio de 1970, trinta dias antes da estreia contra a Checoslováquia. Nas próximas páginas, vamos recapitular essa história, com o passo a passo de cada partida até a conquista do tricampeonato.

UMA GOLEADA CONTRA A ANSIEDADE

A estreia, com direito a belos gols de Pelé, Rivellino e Jairzinho, ajudou a dissipar parte das dúvidas em relação à capacidade do time de jogar de igual para igual com os favoritos ao caneco (era assim que se dizia)

Tostão, Rivellino e Clodoaldo comemoram o gol de empate, marcado pelo camisa 11

SEBASTIÃO MARINHO

Os craques Pelé, Gérson e Carlos Alberto fizeram uma "respeitosa pressão" sobre o técnico Zagallo e o ajudaram a definir o time da estreia do Brasil na Copa do Mundo de 1970: Félix; Carlos Alberto, o capitão de 25 anos na lateral direita; Brito e o improvisado volante Piazza na zaga; e Everaldo na lateral esquerda. No meio-campo, Clodoaldo, Gérson e Pelé. O trio de ataque era Jairzinho na ponta direita, Rivellino na ponta esquerda e Tostão improvisado como centroavante. Não era exatamente o que o treinador imaginava, mas foi o que ele acatou, educadamente.

A partida contra a Checoslováquia começou às 16 horas de Guadalajara, e o Brasil logo mostrou sua superioridade técnica — apesar da evidente ansiedade que antecede toda estreia, e no caso brasileiro havia o fantasma do fracasso de 1966.

3 de junho – JALISCO (GUADALAJARA-MEX)

BRASIL 4 x 1 **CHECOSLOVÁQUIA**

Árbitro: Ramón Barreto (Uruguai); assistentes: Arturo Yamazaki (Peru) e Abraham Klein (Israel); público: 52 897; gols: Petrás 11 e Rivellino 24 do 1º; Pelé 14 e Jairzinho 16 e 38 do 2º; cartões amarelos: Tostão e Gérson (Brasil) e Horváth (Checoslováquia)

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza (Fontana, 43 do 2º) e Everaldo; Clodoaldo, Gérson (Paulo Cezar, 17 do 2º) e Pelé; Jairzinho, Tostão e Rivellino. Técnico: Zagallo

CHECOSLOVÁQUIA: Viktor, Dobias, Horváth, Migas e Hagara; Kuna, Hrdlicka (Kvasnak, intervalo) e Frantisek Vesely (Bohumil Vesely, 30 do 2º); Petrás, Adamec e Jokl. Técnico: Josef Marko

Aos três minutos, Pelé, sozinho dentro da área, teve a chance de marcar, mas chutou longe do gol. E veio o susto, o medo, o pavor: os checos saíram na frente com Petrás, aos onze minutos, depois de um erro na saída de bola de Brito, que tocou nas costas de Clodoaldo, permitindo ao atacante invadir a área e bater forte na saída de Félix. Foi inapelável.

O Brasil seguiu pressionando em busca do empate, até que Pelé sofreu uma falta na meia-lua. O goleiro Viktor pôs sete jogadores na barreira e esperou o chute colocado. Rivellino, porém, disparou sua "patada atômica" e fez 1 a 1 aos 24 minutos. Logo em seguida, Gérson fez uma falta no meio-campo e levou o primeiro cartão amarelo de um brasileiro em Copas — novidade que a Fifa implementara. No fim do primeiro tempo, Pelé fez o primeiro de seus três maravilhosos não gols no México, ao chutar por cobertura ainda do campo do Brasil *(leia mais na pág. 42)*. Na volta do intervalo, o domínio verde-amarelo foi total. Aos catorze minutos, Gérson deu um lançamento perfeito a Pelé, que saltou, dominou no peito, esperou a bola quicar e bateu forte, virando o placar. Dois minutos depois, o "Canhotinha de Ouro", em novo passe milimétrico, deixou Jairzinho sozinho contra o goleiro. O "Furacão" fez outro golaço, com direito a chapéu em Viktor antes de fuzilar para as redes vazias. Gérson se machucou e deu lugar a Paulo Cezar, na primeira substituição (outra novidade daquela Copa) da nossa história. No fim do jogo, Jairzinho driblou dois zagueiros e bateu cruzado para dar números finais ao confronto. Com o placar de 4 a 1, a seleção começava a deixar para trás a desconfiança sobre a capacidade de jogar bonito e vencer.

INTENSO DUELO DE CAMPEÕES

Era mais um "jogo do século" — e o chavão, naquele caso, foi adequado. Ao sol do meio-dia, talvez tenha sido a partida mais difícil para a seleção. A vitória veio com Jairzinho, sempre ele

Era um duelo de gigantes, que as bolinhas da sorte puseram no mesmo grupo, logo na primeira fase. Em campo, três títulos mundiais — os dois do Brasil, em 1958 e 1962, e o da Inglaterra, em 1966. Seria o embate de titãs entre o escrete de Pelé e a equipe detentora da Jules Rimet. Não era pouca coisa.

Para muitos, o *English Team* era superior ao de quatro anos antes, com o técnico campeão Alf Ramsey e os lendários Bobby Charlton (atacante) e Bobby Moore (zagueiro). Por isso, a imprensa internacional batizou o confronto daquele domingo, com alguma obviedade, de o "jogo do século".

O Brasil entrou em campo sem Gérson, que não se recuperou da lesão na estreia. O calor do meio-dia, com 35 graus de temperatura na altitude de mais de 1 500 metros de Guadalajara, favoreceu os canarinhos. A partida foi intensa do início ao fim, com grandes disputas individuais e chances para os dois lados. Logo aos nove minutos, Pelé fez o seu segundo maravilhoso não gol ao cabecear de dentro da pequena área para ser bloqueado de forma espetacular por Banks *(leia mais na pág. 42)*, na mãe de todas as defesas.

Os ingleses alçaram dezenove bolas na área de Félix, mas o único gol saiu no segundo tempo. Aos catorze minutos, Tostão, em lance espetacular, recebeu de Pelé pela esquerda, ganhou no corpo contra Ball, deu uma caneta em Bobby Moore, aplicou outro drible curto em Mullery, girou sobre Moore e, com a perna direita, devolveu no meio da área para Pelé. O Rei, cercado por três adversários, rolou de lado para Jairzinho, que chutou cruzado, vencendo Banks. Ao fim da primeira fase, o Brasil acabaria líder do grupo, a caminho do Peru nas quartas. Os ingleses, em segundo, repetiram a final de 1966 contra a Alemanha Ocidental. Foram derrotados na prorrogação, voltando precocemente para casa.

LEMYR MARTINS

Bobby Moore e Pelé trocam as camisas: respeito e reverência entre dois craques eternos

7 de junho — JALISCO (GUADALAJARA-MEX)

BRASIL 1 x 0 **INGLATERRA**

Árbitro: Abraham Klein (Israel); assistentes: Roger Machin (França) e Arturo Yamazaki (Peru); público: 66 843; gol: Jairzinho 14 do 2º; cartões amarelos: Carlos Alberto (Brasil) e Lee (Inglaterra)

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Rivellino e Pelé; Jairzinho, Tostão (Roberto, 23 do 2º) e Paulo Cezar Caju. Técnico: Zagallo

INGLATERRA: Banks, Wright, Labone, Bobby Moore e Cooper; Mullery, Bobby Charlton (Astle) e Ball; Peters, Lee (Bell) e Hurst. Técnico: Alf Ramsey

Falta na entrada da área: Pelé chuta forte para abrir o placar para a seleção aos dezenove minutos

LEMYR MARTINS

23 MINUTOS ARRASADORES

O Brasil começou massacrando, com catorze chutes, sendo duas bolas na trave e dois gols. Depois, relaxou a ponto de quase entregar o resultado. Mas quem tinha Pelé tinha tudo. Foi a terceira vitória

Nas eliminatórias, a Romênia havia eliminado Portugal, do craque Eusébio (carrasco do Brasil em 1966). Apesar da derrota para a Inglaterra por 1 a 0 na estreia, a vitória sobre a Checoslováquia por 2 a 1 manteve o time com chances matemáticas de brigar por uma vaga nas quartas de final. Para isso, precisava vencer o Brasil, que estava sem Gérson e Rivellino, machucados, e tinha Piazza de volta ao meio-campo, com o jovem Clodoaldo improvisado como meia-direita, posição em que nunca havia atuado na seleção. Mas as esperanças romenas duraram pouco tempo — ou, mais precisamente, nada.

Pelé e companhia entraram em ritmo fortíssimo, pressionando no campo inteiro. Nos primeiros 23 minutos, foram catorze finalizações, com duas bolas na trave e dois gols. O massacre foi tão intenso que o técnico romeno tirou o goleiro Adamache, visivelmente nervoso diante do bombardeio contra sua meta. Tudo parecia tão tranquilo que o time brasileiro relaxou. Na verdade, relaxou até demais. Dumitrache, sozinho entre os zagueiros, fez o primeiro gol adversário, e a Romênia começou a se animar. Pouco depois, quase empatou o jogo — Carlos Alberto travou o chute do adversário na pequena área.

Na volta do intervalo, os craques brasileiros se impuseram novamente e, após algumas tentativas (incluindo um gol anulado), Pelé, que reinava no meio-campo e apanhou muito, marcou o terceiro. Aos 39 minutos, num vacilo de Félix, que saiu mal num cruzamento, a bola ficou livre para Dembrovschi diminuir. O jogo fácil, com cara de mais uma goleada, quase se tornou difícil. Tataru, teve duas chances para empatar, aos 41 e 42, mas Félix, redimindo-se do erro, fez grandes defesas. Resultado: inéditos 100% de aproveitamento na primeira fase de uma Copa. Próxima parada: o Peru dirigido por Didi.

10 de junho — JALISCO (GUADALAJARA-MEX)

BRASIL 3x2 **ROMÊNIA**

Árbitro: Ferdinand Marschall (Áustria); assistentes: Rámon Barreto (Uruguai) e Vital Loraux (Bélgica); público: 50 804; gols: Pelé 19, Jairzinho 22 e Dumitrache 34 do 1º; Pelé 22 e Dembrovschi 39 do 2º; cartões amarelos: Mocanu e Dumitru (Romênia)

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Fontana e Everaldo (Marco Antônio, 15 do 2º); Piazza, Clodoaldo (Edu, 29 do 2º) e Pelé; Jairzinho, Tostão e Paulo Cezar. Técnico: Zagallo

ROMÊNIA: Adamache (Raducanu, 27 do 1º), Satmareanu, Dinu, Lupescu e Mocanu; Dumitru, Neagu e Nunweiller; Dembrovschi, Dumitrache (Tataru, 27 do 2º) e Lucescu. Técnico: Angelo Niculescu

PARA A FRENTE É QUE SE VAI

Ofensivas, as duas equipes sul-americanas fizeram uma das mais agradáveis partidas da competição. Saíram ovacionadas de campo. E Tostão, magnífico, foi endeusado

BESTPHOTOAGENCY

Carlos Alberto cumprimenta Didi: o brasileiro, bicampeão em 1958 e 1962, era o técnico de uma das melhores seleções peruanas

O Peru chegou à Copa de 1970 depois de passar pela Argentina nas eliminatórias sul-americanas. Seu técnico era o brasileiro Didi, bicampeão mundial em 1958 e 1962, o genial criador da folha-seca, o "príncipe etíope" de Nelson Rodrigues. No ataque, o destaque era o artilheiro Cubillas (que seria escolhido o melhor jogador jovem do Mundial do México). Nas três partidas da fase de grupos, ele havia marcado quatro gols: um na vitória por 3 a 2 contra a Bulgária; dois nos 3 a 0 sobre o Marrocos; mais um na derrota para a Alemanha Ocidental por 3 a 1. Não existiam dúvidas de que o adversário do Brasil nas quartas de final seria complicado.

Mas o histórico recente dos confrontos entre os dois países era amplamente favorável ao time canarinho (duas vitórias jogando no Peru em 1968 e outras duas atuando no Brasil em 1969). Além disso, a seleção vinha de três vitórias incontestáveis — com 56 finalizações e oito gols na primeira fase. Com Gérson e Rivellino de volta, a partida foi intensa e agradável, sem violência e com ambos os times jogando para o ataque. Pela primeira e única vez na história das Copas, o Brasil entrou em campo com seus jogadores com as camisas numeradas de 1 a 11.

Tostão, que marcou duas vezes, brilhou intensamente. No final, 4 a 2 e a admiração da torcida mexicana. Pela primeira vez nos Mundiais, os quatro classificados para as semifinais já tinham levantado a taça, campeões de sete das oito Copas do Mundo disputadas até então: Uruguai (1930 e 1950); Itália (1934 e 1938); Alemanha Ocidental (1954); e Brasil (1958 e 1962).

14 de junho – JALISCO (GUADALAJARA-MEX)

BRASIL 4 x 2 **PERU**

Árbitro: Vital Loraux (Bélgica); assistentes: Ferdinand Marschall (Áustria) e Gyula Emsberger (Hungria); público: 54 233; gols: Rivellino 11, Tostão 15 e Gallardo 28 do 1º; Tostão 7, Cubillas 25 e Jairzinho 30 do 2º

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Marco Antônio; Clodoaldo, Gérson (Paulo Cezar, 22 do 2º) e Pelé; Jairzinho (Roberto, 35 do 2º), Tostão e Rivellino. Técnico: Zagallo

PERU: Rubiños, Campos, José Fernández, Chumpitaz e Fuentes; Mifflin, Baylón (Sotil, 9 do 2º) e Cubillas; Challe, León (Reyes, 16 do 2º) e Gallardo. Técnico: Didi

O ADEUS AO FANTASMA DE 1950

O *Maracanazo* era o maior trauma da nossa vida futebolística. Vinte anos mais tarde, foi preciso jogar muito para superar a Celeste e mostrar que o sonho da terceira estrela era real

Maracanã, 1950. A seleção brasileira, campeã de véspera, só precisava de um empate para conquistar a Copa em casa. Mas o Uruguai venceu de virada, 2 a 1. Foi o maior trauma da nossa história futebolística (o goleiro Barbosa morreu esquecido e a camisa branca da CBD acabou aposentada para sempre). Vinte anos depois, o fantasma da camisa azul-celeste ainda pulsava. Em campo, o melhor ataque da Copa de 1970 contra a melhor defesa.

O Brasil, como em todos os jogos anteriores, foi para cima. Mas, num raro contra-ataque, aos dezenove minutos, o Uruguai se aproveitou de uma falha da defesa e abriu o placar. Daí para a frente, só sofrimento — e uma boa dose de pancadaria, especialmente contra Pelé, claro (que também bateu, ressalve-se). Até que, aos 44 minutos, Clodoaldo lançou-se ao ataque e conseguiu o empate. No segundo tempo, a virada veio aos 31 minutos, numa troca de passes genial de Pelé para Tostão até a arrancada fulminante de Jairzinho. Os últimos cinco minutos foram de enlouquecer. O Uruguai perdeu duas chances incríveis de empatar e, aos 44 minutos, Rivellino fez 3 a 1. Quase ao apito final, deu-se o inesquecível "gol mais bonito que o Rei não marcou": um drible de corpo sobre Mazurkiewicz e a bola passando ao lado da trave direita. O fantasma tinha ficado no passado.

17 de junho – JALISCO (GUADALAJARA-MEX)

BRASIL 3x1 **URUGUAI**

Árbitro: José Maria de Mendíbil (Espanha); assistentes: Tofik Bakhramov (União Soviética) e Ferdinand Marschall (Áustria); público: 51 261; gols: Luis Cubilla 19 e Clodoaldo 44 do 1º; Jairzinho 31 e Rivellino 44 do 2º; cartões amarelos: Carlos Alberto (Brasil); Mujica, Fontes e Maneiro (Uruguai)

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Pelé; Jairzinho, Tostão e Rivellino. Técnico: Zagallo

URUGUAI: Mazurkiewicz, Ubiña, Ancheta, Matosas e Mujica; Montero Castillo, Cortés e Maneiro (Espárrago); Luis Cubilla, Fontes e Morales. Técnico: Juan Hohberg

LEMYR MARTINS

Pelé corre para abraçar Clodoaldo após o gol de empate: a seleção teve paciência para buscar uma virada histórica na rota da final

UM TIME PARA A ETERNIDADE

Foi uma vitória acachapante, sem ressalvas, derradeiro capítulo de uma travessia que até hoje é tida como sinônimo de perfeição. E Pelé, ah, Pelé, foi definitivamente consagrado como Rei do futebol

No dia da final, o mundo todo sabia que o Brasil era favorito a ficar com a posse definitiva da taça Jules Rimet. Além das cinco vitórias em cinco jogos, a seleção brasileira encantava com Pelé, Gérson, Rivellino e Tostão, sem falar nos gols de Jairzinho. A Itália vinha de uma primeira fase regular (empate sem gols com Uruguai e Israel e vitória sobre a Suécia por 1 a 0) e grandes resultados nos mata-matas. Nas quartas de final, goleada de 4 a 1 sobre o México, dono da casa. E, na semifinal, passou pela forte Alemanha Ocidental — 1 a 1 no tempo regulamentar e 4 a 3 no final da prorrogação, num dos jogos mais empolgantes da história das Copas.

A Azzurra, campeã europeia de 1968, tentou surpreender. O treinador Ferruccio Valcareggi pôs o capitão Facchetti grudado em Jairzinho, para neutralizar o ataque brasileiro. Além disso, como a partida começou ao meio-dia (no horário local), foi logo para cima, em busca de um gol que pudesse reverter o melhor preparo físico do time brasileiro — que, ainda por cima, não tinha disputado nenhuma prorrogação. Nos primeiros quinze minu-

SEBASTIÃO MARINHO

LEMYS MARTINS

Carlos Alberto comemora o quarto gol *(à esq.)* e Pelé, sem camisa, é carregado pelos torcedores mexicanos que invadiram o campo após o fim do jogo no Azteca: vitória incontestável do time que combinou o talento individual com a arte coletiva

tos, a tática funcionou e Riva finalizou três vezes, obrigando Félix a fazer duas boas defesas.

A reação foi quase imediata. Aos dezoito minutos, Tostão cobrou rapidamente um lateral para Rivellino, que cruzou de primeira, no alto, para a pequena área. Pelé subiu muito, mais do que Burgnich, e cabeceou firme para o gol. Ainda havia, porém, uma superstição a vencer. Desde 1950, em todas as decisões de Copas do Mundo, o país que abria o placar acabava derrotado. Assim, quando Clodoaldo tentou um toque de letra para Everaldo e Boninsegna roubou a bola e empatou a partida, muita gente temeu pelo pior. Pouco antes de o cronômetro da TV chegar aos 45 minutos, o juiz Rudolf Glockner apitou o fim do primeiro tempo — exatamente na hora em que Pelé, sozinho na grande área, recebeu um lançamento de Rivellino, com todas as condições de reinstalar o Brasil à frente do placar. Mas ninguém sequer reclamou antes de ir para o vestiário.

Na segunda etapa, logo se viu que a esperança italiana não passava de uma quimera inalcançável. O Brasil, firme e forte, com fôlego sobrando, voltou pressionando e a única saída dos defensores adversários era matar as jogadas com falta. Aos catorze minutos, Rivellino chutou no travessão. Sete minutos depois, Facchetti desarmou Jairzinho, mas afastou mal e deixou a bola no pé de Gérson, que bateu firme com sua canhota de ouro: 2 a 1. Em seguida, o camisa 8 brilhou novamente e, do meio do campo, acertou um lançamento primoroso para Pelé, que só ajeitou de cabeça para Jairzinho marcar seu sétimo gol no Mundial. O Brasil sobrava em campo e só administrava a vantagem, esperando o apito final.

O quarto gol, do capitão Carlos Alberto, simbolizou a superioridade da seleção que se consagrou como a melhor de todas as Copas. Bola de pé em pé, passando por vários craques até o chute forte, sem chance de defesa, com o luxo de a bola ter quicado um pouco para facilitar o disparo. A combinação de talento individual com a arte coletiva fez daquele Brasil um time inesquecível. Os mexicanos invadiram o campo, levaram as roupas dos brasileiros e consagraram, para sempre, Pelé como Rei.

21 de junho – AZTECA (CIDADE DO MÉXICO)

BRASIL 4x1 **ITÁLIA**

Árbitro: Rudolf Glockner (Alemanha Oriental); assistentes: Ruedi Scheurer (Suíça) e Norberto Coerezza (Argentina); público: 107 412; Gols: Pelé 18 e Boninsegna 37 do 1º; Gérson 21, Jairzinho 26 e Carlos Alberto 41 do 2º; cartões amarelos: Rivellino (Brasil); Burgnich (Itália)

BRASIL: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Pelé; Jairzinho, Tostão e Rivellino. Técnico: Zagallo

ITÁLIA: Albertosi, Burgnich, Cera, Rosato e Facchetti; Bertini (Juliano, 29 do 2º), Sandro Mazzola e De Sisti; Domenghini, Boninsegna (Rivera, 39 do 2º) e Gigi Riva. Técnico: Ferruccio Valcareggi

OS FERAS DA TAÇA

Do goleiro ao ponta-esquerda, passando pelos reservas levados a campo por Zagallo, relembre a trajetória dos dezesseis craques que atuaram pela seleção no México

Luiz Felipe Castro, Alexandre Senechal e Rodolfo Rodrigues

A escalação da semifinal contra o Uruguai (3 x 1) e a da final contra a Itália (4 x 1) até hoje soam como poesia: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Pelé; Jairzinho, Tostão e Rivellino — um nome a puxar o outro, entre ponto e vírgula e vírgulas. Vale a pena repetir, dada a força histórica: Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Pelé; Jairzinho, Tostão e Rivellino. Nas duas partidas não houve substituição na equipe, daí aquele onze ter colado na memória coletiva, sinônimo de perfeição. Ao longo da campanha invicta, contudo, outros cinco atletas atuaram pela camisa amarela: Paulo Cezar, Roberto, Marco Antônio, Fontana e Edu. Conheça, nas próximas páginas, um pouco da história, antes e depois de 1970, de cada um dos heróis que pisaram o gramado no México — embora em torno da trajetória de um deles, o Rei, reste pouco a revelar.

FÉLIX

Havia um esporte predileto no Brasil de 1970: criticar o goleiro do Fluminense em virtude de suas saídas desastradas — mas, tudo somado, ele fez uma Copa digna, com grandes defesas

O goleiro "Papel", dada a magreza, ou melhor, Félix Miélli Venerando, era o mais velho (32 anos) e o mais criticado titular da seleção campeã do mundo. O esporte predileto dos brasileiros, antes da estreia, era reclamar das saídas desastradas do número 1, então do Fluminense — mas Zagallo insistiu na permanência do jogador, por causa de sua personalidade tranquila e seu bom relacionamento com os companheiros de time. Na Copa, Félix oscilou entre grandes defesas e preocupantes falhas. Tome-se como exemplo a atuação na final, contra a Itália, com quatro magníficas defesas e o erro no gol de empate, em que tentou dar uma de beque e não alcançou a bola. Nas cinco primeiras partidas ele chamou atenção por não usar luvas — apenas na decisão resolveu vesti-las. Jogou até os 39 anos. Tentou seguir carreira como treinador, mas sem sucesso. No fim da vida — morreu aos 74 anos, em 2012, de enfisema pulmonar —, teve de ser ajudado financeiramente, numa dessas injustiças que o Brasil aprecia cultivar.

São Paulo (SP), 24/12/1937 - 24/8/2012
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Juventus (53-55), Portuguesa (55-57 e 61-68), Nacional-SP (57-60) e Fluminense (68-78)

"Papel": dificuldades financeiras no fim da vida

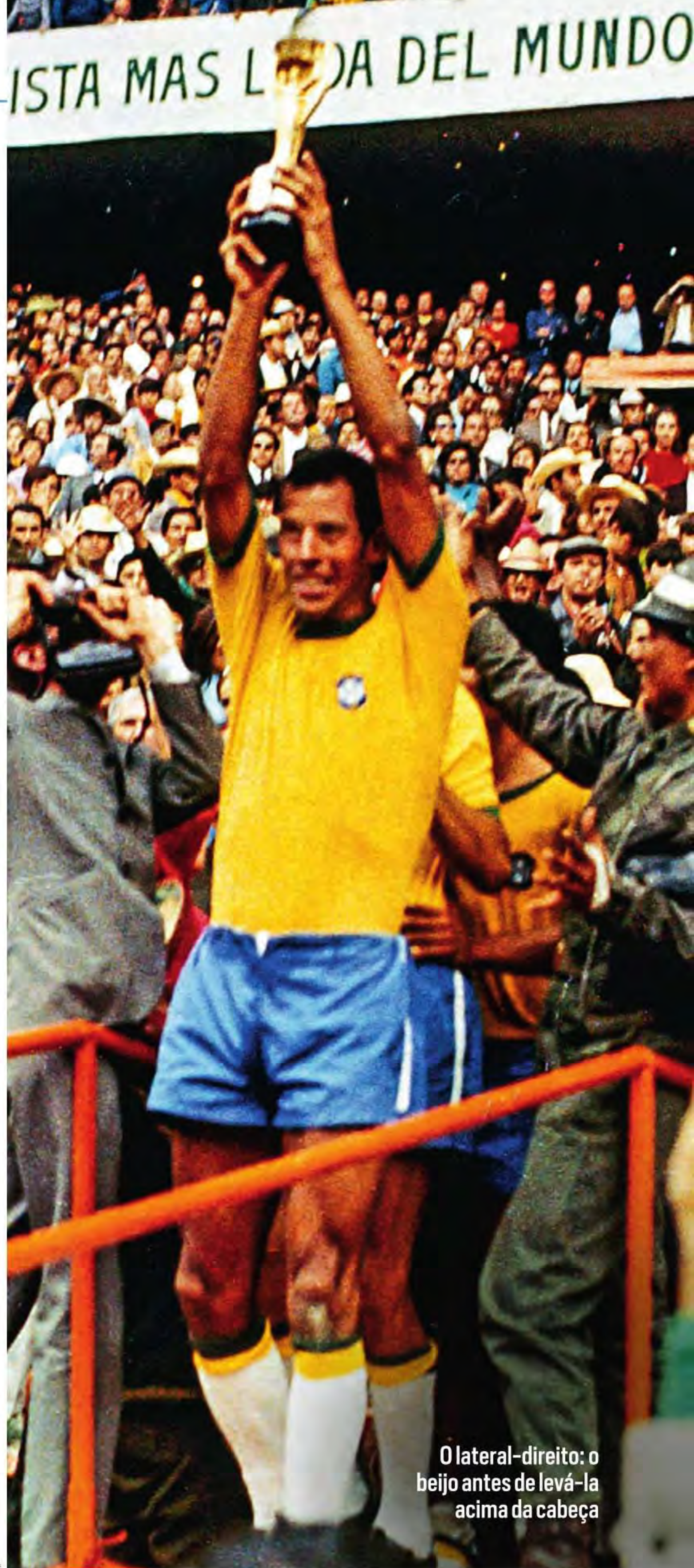
SEBASTIÃO MARINHO

CARLOS ALBERTO

O "capita" ergueu a taça, fez o quarto gol contra a Itália — mas há quem goste de lembrar dele pelo decisivo e violento tranco dado no atacante inglês Francis Lee

O capitão do tri, Carlos Alberto Torres, um dos primeiros laterais a apoiar o ataque com constância, forte como um touro, deveria entrar para a história do futebol brasileiro e mundial atrelado a dois feitos magníficos e indeléveis: o golaço na final, contra a Itália, o quarto, depois do açucarado passe de Pelé; e o gesto de tascar um apaixonado beijo na Jules Rimet antes de erguê-la acima da cabeça. E, no entanto, gosta-se de colá-lo a outro momento do torneio — não exatamente edificante, nem tão bonito assim, mas que ajudou a seleção (e os colegas de time sempre apreciaram celebrar a relevância daquele instante): aos 33 minutos do primeiro tempo da difícil e pegada partida contra a Inglaterra, o "capita" deixou seu pedaço de gramado e foi acertar um pontapé no atacante Francis Lee, no meio de campo. Foi um tranco e tanto, quase assustador (com merecido cartão amarelo), e dali para a frente o inglês sumiu do jogo. A violenta entrada era uma resposta do brasileiro a um lance que ocorrera três minutos antes, quando Lee acertou o rosto de Félix, já deitado no gramado, após uma bela defesa.

Assim era, enfim, Carlos Alberto, misto de habilidade e força, ídolo e campeoníssimo do Santos e do Fluminense nos anos 1960 e 1970, depois estrela do Cosmos de Nova York ao lado de Pelé e Beckenbauer, que faria razoável carreira como treinador e extraordinárias aparições (mal-humorado e certeiro) como comentarista na televisão. Ele morreu em 2016, aos 72 anos, de infarto, dois dias depois de sua derradeira participação em um programa de esportes.

Rio de Janeiro (RJ), 17/7/1944 - 25/10/2016
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Fluminense (61-64 e 74-76), Santos (65-71 e 71-74), Botafogo (71), Flamengo (77), New York Cosmos-EUA (77-80 e 82) e California Surf-EUA (81)

O lateral-direito: o beijo antes de levá-la acima da cabeça

AP

O cruzeirense: sucesso ao mudar do meio para a defesa

PIAZZA

Era uma vez um volante elegante, ídolo mítico do Cruzeiro, que virou quarto-zagueiro. Deu certo, como se tivesse nascido na posição

Volante classudo, preciso nos desarmes, Wilson da Silva Piazza é um dos maiores ídolos da história do Cruzeiro. Foi capitão do time por dez anos seguidos (1966-1976), conquistou a Taça Brasil de 1966, após vencer o Santos, de Pelé, nas finais, e também a Libertadores de 1976 — além de dez campeonatos mineiros. Chegou à seleção em 1967. Titular nas Eliminatórias como volante, com Saldanha, foi testado como quarto-zagueiro por Zagallo no último amistoso antes da Copa (contra a Áustria). Funcionou. No jogo com a Romênia, também esteve ótimo como volante (voltou à posição de origem porque Gérson estava machucado). Em 1998, passou a ser presidente da Federação das Associações de Atletas Profissionais, cargo que ainda ocupa.

ONDE NASCEU: Ribeirão das Neves (MG), 25/2/1943
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Renascença-MG (62-63) e Cruzeiro (63-78)

BRITO

O sinônimo do zagueiro de cara amarrada: garra. Para ele, não havia bola perdida. O tri foi o único título de sua longa carreira

Remanescente da campanha de 1966, o zagueiro Hércules Brito Ruas era conhecido pela garra. Aos 30 anos, esbanjava o melhor preparo físico do grupo. Apesar de ter falhado nos gols da Checoslováquia e do Uruguai, é mais lembrado pelas grandes atuações contra a Inglaterra, no jogo aéreo, e a Itália, ao fazer um desarme perfeito no atacante Boninsegna quando o jogo ainda estava 2 a 1. O tri de 1970 foi o único título de sua carreira, ano em que ganhou também a Bola de Prata de PLACAR no Robertão.

ONDE NASCEU: Rio de Janeiro (RJ), 9/8/1939
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Vasco (58 e 60-69), Internacional (58-59), Flamengo (69-70), Cruzeiro (70), Botafogo (71-74), Corinthians (74), Athletico-PR (74), Le Castor-CAN (75), Deportivo Galícia-VEN (75), Democrata de Governador Valadares-MG (77) e Ríver-PI (79)

O beque carioca: concentração permanente

EVERALDO

Coadjuvante, o jogador do Grêmio fez uma Copa perfeita. A estrela dourada na bandeira do tricolor gaúcho é uma homenagem ao campeão

Lateral-esquerdo do Grêmio, Everaldo Marques da Silva entrou para a história do futebol gaúcho por ter sido o primeiro jogador do estado a conquistar uma Copa com a seleção quando ainda defendia um clube local. O feito rendeu ao atleta uma estrela dourada na bandeira do tricolor. Reserva nas Eliminatórias para o Mundial do México, virou titular nos amistosos finais de preparação. Zagallo optou por um jogador mais defensivo e com um pouco mais de experiência, já que Marco Antônio, do Fluminense, tinha apenas 19 anos e gostava de se lançar ao ataque. Perto dos grandes craques, era um coadjuvante no time, mas fez uma grande Copa (chegou a meter uma bola no travessão contra a Romênia). Em 1972, deu um soco no árbitro José Faville Neto durante uma partida do Grêmio e foi suspenso dos gramados por um ano. Em 1974, aos 30 anos, Everaldo morreu num acidente de carro, após bater seu Dodge Dart contra um caminhão.

ONDE NASCEU: Porto Alegre (RS), 11/9/1944 – 27/10/74
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Grêmio (62-64 e 65-74) e Juventude (64)

Reserva nas eliminatórias, ganhou a posição na reta final

FOTOS IMAGO SPORTFOTODIENST/FOTOARENA

CLODOALDO

Ele era um dos mais jovens do time, mas tinha a experiência de quatro anos como titular do Santos, substituindo ninguém menos que Zito

Clodoaldo Tavares Santana, o "Corró", tinha apenas 20 anos na Copa de 1970, mas carregava larga experiência como jogador de futebol, coisa de gente grande. Torcedor confesso do Santos, realizou o sonho de entrar na Vila Belmiro aos 13 anos, quando iniciou nas categorias de base do clube. Apenas três anos depois, em 1966, tornou-se titular do alvinegro praiano. Era um garoto de 16 anos que entrava para substituir ninguém menos que um gigante, o elegante Zito, volante de enciclopédia, parceiro de Pelé desde que o Rei estreou no futebol.

No México, Clodoaldo não se intimidou, apesar da juventude e da evidente pressão. Jogou pela primeira vez na carreira como meia-armador, no lugar de Gérson, contra a Romênia, orientando o time e aparecendo na frente sempre que possível. Na semifinal, com o Uruguai, foi ao ataque num momento crucial do jogo (44 minutos do primeiro tempo) para fazer o gol de empate e garantir a tranquilidade necessária para virar na metade derradeira da partida. E, na final contra a Itália, driblou seis — seis! — adversários perto da linha do meio de campo ao iniciar o magistral lance do quarto gol, anotado por seu colega santista Carlos Alberto. Atuou pela seleção até 1974, mas uma contusão o tirou do Mundial da Alemanha.

ONDE NASCEU: Itabaiana (SE), 25/9/1949
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Santos (65-79), Tampa Bay Rowdies-EUA (80) e Nacional-AM (81)

IMAGO SPORTFOTODIENST/FOTOARENA

O sergipano Corró: início de carreira, aos 13 anos, na Vila Belmiro: escola igual ninguém teve

TOSTÃO

Jogar sem a bola, hoje, é coisa de jogador inteligente, hábil para entender o deslocamento de companheiros e adversários. O pioneiro nessa movimentação espetacular foi o 9 mineiro

Não há sujeito mais modesto na história do futebol que Eduardo Gonçalves, o Tostão. Levado a comentar sua carreira nos gramados, ele disse: "Fui um grande jogador, mas num segundo ou terceiro escalão". Que nada. A atuação do cruzeirense (depois vascaíno) no México foi de primeiríssimo time, inigualável. Fez dois gols, mas foi o de menos — os deslocamentos sem a bola, os passes, a inteligência tática o instalaram no panteão dos gigantes. Convém insistir, portanto, que antes de Cruyff, outro monstro a desfilar sem tocar no couro, houve o centroavante da seleção de 1970.

Heroico, disputou a Copa depois da cirurgia para correção de um descolamento da retina esquerda, que abreviaria sua carreira, encerrada em 1973, no Vasco da Gama. E então Tostão foi estudar medicina. Hoje é o mais sensato cronista esportivo do país, voz inescapável. Escreve como jogava, admiravelmente bem.

ONDE NASCEU: Belo Horizonte (MG), 25/1/1947
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: América-MG (62-63), Cruzeiro (64-71) e Vasco da Gama (72-73)

O centroavante: da cirurgia no olho esquerdo à glória

GÉRSON

Para muitos, o "Canhotinha de Ouro" foi simplesmente o melhor jogador daquele time de gigantes, com fabulosos passes de longa distância e um golaço na final. Precisa dizer mais alguma coisa sobre o camisa 8?

Apesar de ter jogado apenas quatro das seis partidas do Brasil em 1970 (ficou fora contra Inglaterra e Romênia para se tratar de um problema muscular), há quem considere Gérson de Oliveira Nunes, o "Canhotinha de Ouro", o falante "papagaio", o maior de todos naquela temporada mexicana. Jogando com a camisa 8, ocupava todos os espaços. Na maior parte do tempo, era o segundo volante, quase ao lado de Clodoaldo. Mas, com a bola nos pés, era o cérebro do time. Encantou o mundo com seus já famosos lançamentos — longos, precisos e milimétricos. Na concentração, dividia o quarto com Jairzinho, e os dois contam que anteviam o posicionamento dos jogadores adversários e combinavam jogadas que, mais tarde, no campo, se transformaram em gols.

Depois do tri, ficou injustamente estigmatizado ao fazer campanha para uma marca de cigarro, em que dizia gostar de "levar vantagem em tudo, certo?". A expressão foi consagrada como Lei de Gérson, analogia com parte dos problemas vividos no Brasil na época, símbolo do "jeitinho" desonesto e da corrupção (parece que nem tanta coisa mudou, né?). Depois que parou de jogar, tornou-se comentarista de TV e rádio.

ONDE NASCEU: Niterói (RJ), 11/1/1941

CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Flamengo (59-63), Botafogo (63-69), São Paulo (69-72) e Fluminense (72-74)

O meia: injustamente colado ao "jeitinho"

JAIRZINHO

Remanescente do fracasso de 1966, o camisa 7 fez um torneio espetacular. Foi o vice-artilheiro, com sete gols, atrás apenas de Gerd Müller, com dez

A carreira de Jair Ventura Filho foi fulminante. Aos 15 anos ele era gandula no Botafogo (apanhava as bolas de Garrincha e cia.), aos 20 foi convocado pela primeira vez para a seleção e, aos 22, debutou numa Copa do Mundo, na triste jornada de 1966, na Inglaterra. Foi assim, pressionado pelo mau resultado de quatro anos antes, que Jairzinho estreou contra a Checoslováquia. Marcou dois gols na goleada por 4 a 1 na estreia e, a partir dali, em todas as partidas deixou outra bola na rede adversária. Terminou o Mundial na vice-artilharia, com sete tentos — atrás apenas do alemão Gerd Müller, com dez.

No México, o "Furacão" voou em campo, em arrancadas fulminantes, rapidez de raciocínio e uma marca registrada: a comemoração de joelhos, com o sinal da cruz. Foi impossível pará-lo. O técnico da seleção inglesa, Alf Ramsey, chegou a considerar o camisa 7 como o jogador brasileiro mais difícil de ser marcado, e com essa fama ele começaria a Copa de 1974, na Alemanha. Foi titular nos sete jogos, marcou dois gols, mas não teve a mesma explosão do tri. Com nove gols em Copas, é o terceiro maior goleador do Brasil na competição, atrás apenas de Ronaldo (15) e Pelé (12).

ONDE NASCEU: Rio de Janeiro (RJ), 25/12/1944
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Botafogo (62-74 e 81-82), Olympique de Marselha-FRA (74-75), Kaizer Chiefs-AFS (75), Cruzeiro (76), Portuguesa-VEN (77), Noroeste-SP (78-79), Fast Clube-AM (79), Jorge Wilstermann-BOL (79-80) e Nueve de Octubre-EQU (82)

O atacante carioca na final contra a Itália: para o treinador inglês Alf Ramsey, era o brasileiro mais difícil de ser marcado

PETER ROBINSON/EMPICS/GETTY IMAGES

Ídolo no Corinthians e no Fluminense, é o craque brasileiro mais admirado por outro canhoto sensacional: Diego Maradona

RIVELLINO

A "patada atômica" deixou os torcedores boquiabertos — como pará-lo? Habilidoso, mercurial, provou ser o legítimo herdeiro da 10

Dos vários camisas 10 do time tricampeão, talvez tenha sido ele o mais clássico, aquele que melhor aliava magia a eficiência, era organizador e artilheiro, um craque puro — tanto que herdou a mítica camisa quando Pelé deixou a seleção. Sua entrada na equipe titular não foi simples. Aos 24 anos, sem títulos no currículo (era o ídolo de um Corinthians que não conseguia sair da fila), custou a convencer Zagallo de que merecia uma chance. Nas páginas de PLACAR, tinha um cabo eleitoral: Aymoré Moreira, então colunista da revista e ex-treinador da seleção brasileira. "Ele tem de ser titular" — era o título de sua coluna em 10 de abril de 1970. "Pela meia-esquerda, Rivelino *(então grafado com apenas um L)* é melhor e muito mais eficiente do que qualquer outro — inclusive Pelé e Gérson", cravou Aymoré. Gérson foi recuado, o Rei foi mais para o centro e Riva assumiu o lado esquerdo. No México, o camisa 11 deslumbrou o mundo com seus dribles — como o elástico — e seus potentes chutes de canhota que lhe valeram o apelido de "Patada Atômica" entre a torcida mexicana. Fez três gols em cinco partidas. Jogaria ainda a Copa de 1974, como o principal nome brasileiro, sem a explosão de quatro anos antes, e a de 1978, já a caminho da aposentadoria — contundido, jogou muito pouco, mas fez grande partida na disputa do terceiro lugar contra a Itália.

ONDE NASCEU: São Paulo (SP), 1º/1/1946
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Corinthians (65-74), Fluminense (75-78) e Al-Hilal-Arábia Saudita (79-81)

PAULO CEZAR

"Caju", como viria a ser apelidado, seria titular em qualquer seleção do mundo — no Brasil de 1970, ele foi o imprescindível 12º jogador

Não seria exagero dizer que Paulo Cezar Lima, que depois viraria "Caju", foi o 12º jogador da canarinho no México. Fez a partida inteira contra a Inglaterra (entrou no lugar de Gérson) e contra a Romênia (substituindo Rivellino). Disputou alguns minutos na estreia, diante da Checoslováquia e Peru. Ambidestro, encaixava-se em qualquer esquema — era, portanto, valiosa carta na manga.

De passadas largas, toque refinado com ambos os pés, Paulo Cezar construiria depois uma carreira extraordinária, de altos e baixos, mas com permanente postura crítica diante dos desmandos dos cartolas e da falta de respeito aos atletas, especialmente os aposentados. No Fluminense de 1975 a 1977 foi uma das estrelas da "Máquina Tricolor", ao lado de Rivellino. Hoje é colunista do site e das edições impressas de PLACAR.

ONDE NASCEU: Rio de Janeiro (RJ), 16/6/1949
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Botafogo (67-72 e 77-78), Flamengo (72-74), Olympique de Marselha-FRA (74-75), Fluminense (75-77), Grêmio (78-79 e 83), Vasco (80), Corinthians (81), California Surf-EUA (81) e Aix-en-Provence-FRA (82-83)

IMAGO SPORTFOTODIENST/FOTOARENA

Ambidestro, habilidoso, ele se adaptava a qualquer esquema de jogo, caindo pela esquerda ou atuando pelo meio

FONTANA

DIVULGAÇÃO/CBF

Elegante, era um beque que se orgulhava de nunca ter sido expulso de campo

O capixaba José de Anchieta Fontana, avesso a chutões, fez com Brito uma dupla de zaga vencedora no Vasco e no Cruzeiro. Entendiam-se à perfeição. Reserva de Piazza no México, Fontana disputou os noventa minutos com a Romênia ao lado do companheiro de sempre, Brito. Em 1972, com apenas 28 anos, cansado de viajar e das concentrações, ele pendurou as chuteiras. Morreu cedo, aos 39 anos, depois de disputar uma pelada com os amigos.

ONDE NASCEU: Santa Teresa (ES), 31/12/1940 - 9/9/1980
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Vitória-ES (58), Rio Branco-ES (59-62), Vasco da Gama (62-68) e Cruzeiro (69-72)

EDU

DIVULGAÇÃO/CBF

Aos 16 anos, ele foi o mais jovem convocado para uma Copa do Mundo, em 1966

Jonas Eduardo Américo fez história ao ser o mais jovem jogador brasileiro convocado para uma Copa do Mundo — tinha apenas 16 anos em 1966. Ponta-esquerda rápido e muito habilidoso, em diversas partidas do Santos de Pelé chegava a chamar mais atenção que o camisa 10, com atuações espetaculares. No México, deu lugar a Rivellino. Entrou em campo contra a Romênia. Depois da aposentadoria, ganhou bastante destaque entre os *masters*.

ONDE NASCEU: Jaú (SP), 6/8/1949
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Santos (66-76), Colorado-PR (76), Corinthians (77), Internacional (77), Tigres-MEX (77-83), Tampa Bay-EUA (80), São Cristóvão (83), Nacional-AM (83-84) e Dom Bosco-MT (85)

MARCO ANTÔNIO

DIVULGAÇÃO/CBF

Lateral-esquerdo ofensivo, perdeu a vaga para Everaldo pouco antes do embarque

Pioneiro em sua função, o ofensivo lateral-esquerdo Marco Antônio Feliciano perdeu a posição para Everaldo pouco tempo antes do início da Copa, justamente por avançar demais e não se encaixar no que Zagallo pretendia. Para Paulo Cezar Caju, ele só é menor que Nilton Santos entre os craques da posição. Em 1974, voltaria a ficar no banco do indomável Marinho Chagas. Recentemente, teve um AVC, mas se recuperou. Isolado, precisa ser ajudado financeiramente por antigos companheiros.

ONDE NASCEU: Santos (SP), 6/2/1951
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Portuguesa Santista (66-68), Fluminense (68-76), Vasco (76-80), Bangu (81-83) e Botafogo (83-84)

ROBERTO

DIVULGAÇÃO/CBF

Se fosse preciso um centroavante fixo e raçudo, o botafoguense era a saída

Raçudo, o então centroavante do Botafogo, Roberto Lopes Miranda — o "Vendaval", como o apelidaram —, ia em todas as bolas, a ponto de ter sofrido diversas contusões na carreira — na clavícula, na costela, no queixo e no tendão de aquiles (em um acidente doméstico). Chegou a ser cogitado para o lugar de Tostão, às vésperas do torneio, mas não vingou. Não era habilidoso, mas tinha o que se convencionou chamar de "faro de gol". Durante a Copa entrou alguns minutos nas partidas contra a Inglaterra (no lugar do 9 mineiro) e contra o Peru (no lugar de Jairzinho, seu colega de clube).

ONDE NASCEU: São Gonçalo (RJ), 31/7/1943
CLUBES NOS QUAIS JOGOU: Botafogo (62-70 e 72), Flamengo (71) e Corinthians (73-76)

IMAGO SPORTFOTODIENST/FOTOARENA

O técnico nos braços do povo: o tri levou sua assinatura

ZAGALLO...

Substituto de Saldanha, o supersticioso treinador deu início no México a sua longa trajetória no comando da seleção brasileira

O Velho Lobo (que à época nem era tão velho assim, tinha apenas 38 anos) não foi a primeira nem a segunda escolha do então presidente da CBD, João Havelange, para a substituição do indomável João Saldanha. O futuro mandatário da Fifa sentou-se primeiro com Dino Sani, treinador do Corinthians, que disse não à seleção por não emplacar Paulo Machado de Carvalho como chefe de comissão. Em seguida, Havelange reuniu-se com Otto Glória. Com o então técnico do América do Rio também não houve acordo. A bola passou, dessa forma, para Mário Jorge Lobo Zagallo, ponta-esquerda titular nas conquistas das Copas de 1958 e 62 e que vinha se destacando no comando do Botafogo bicampeão carioca de 67 e 68. "Se Dino está verde, eu estou madurinho porque já esperava isso", teria dito um nada modesto Zagallo no momento do convite.

Usando como base as Feras do Saldanha, o novo treinador promoveu mudanças decisivas. Trocou o 4-2-4 usado na campanha das eliminatórias pelo "conservador" 4-3-3. Mas foi genial mesmo ao pôr Gérson, Rivellino, Pelé, Tostão e Jairzinho na mesma formação. A leitura privilegiada de campo fez de Zagallo o treinador que mais vezes comandou a seleção brasileira (131 jogos). Somando as edições em que jogou, treinou e foi auxiliar, participou de sete Mundiais, dos quais sagrou-se vencedor quatro vezes. Depois da Copa de 2006, pendurou a prancheta. Com quase 89 anos, leva hoje uma vida sossegada no Rio. Quer vê-lo sair do sério? Repita esta pergunta: "E o Dario, Velho Lobo, foi o Médici quem convocou?".

Alexandre Salvador

...E ELE

Os gramados da altitude mexicana serviram de corolário ao menino que surgira aos olhos do mundo em 1958 e que, em pouco mais de uma década, se transformou no maior jogador de futebol de todos os tempos — o Rei

SVEN SIMON/DPA/AFP

“Como se soletra Pelé?” “Fácil: D-E-U-S.”
Diálogo entre locutores da televisão britânica durante a transmissão da Copa de 1970

“Eu, às vezes, sinto que o futebol foi inventado por este jogador mágico.”
Sir Bobby Charlton, craque da seleção inglesa e do Manchester United

“Falei para mim mesmo antes do jogo: ele é feito de pele e ossos como qualquer outra pessoa. Mas eu estava errado.”
Tarcisio Burgnich, zagueiro italiano que marcou Pelé na final

“Parecia um helicóptero em sua mágica capacidade de permanecer no ar o tempo que quisesse.”
Giacinto Facchetti, zagueiro italiano, ao comentar o gol de cabeça no 4 x 1

“A tacinha, agora, é tua, amiguinho, que mataste tantas aulas de junho para baixar, em espírito, no Jalisco de Guadalajara. Sorve nela, amiguinho, a glória de Pelé, que tem a fragrância da nossa infância.”
Armando Nogueira, jornalista

O sorriso largo e os abraços de agradecimento dos companheiros na final contra a Itália: a glória definitiva resumida numa imagem

1970 DE A A Z

Havia futebol e muita euforia em torno das partidas no México, mas havia também um mundo de novos hábitos e mudanças revolucionárias na política e no comportamento das sociedades

Alexandre Salvador e Danilo Monteiro

NELSON COELHO

AMARELO

Depois de 1966, Copa marcada por decisões controversas dos árbitros, a Fifa apresentou uma inovação para o torneio do México: o sistema de **cartões**. O inglês Ken Aston inspirou-se nas luzes do semáforo ao criar a advertência e formalizar a expulsão (que já existia). Os uruguaios somaram mais amarelos (dez).

CHAPOLIN COLORADO

Há cinquenta anos, **Roberto Gómez Bolaños (1929-2014)** já brilhava na TV mexicana quando decidiu lançar um novo quadro, baseado nas aventuras de um super-herói atrapalhado, vestido de vermelho e amarelo.

DOM

Famoso na voz de Os Incríveis, o hino ufanista ***Eu Te Amo, Meu Brasil*** agradava aos defensores da ditadura. Mas a letra era do cearense Eustáquio Gomes de Farias, que formava a dupla Dom & Ravel com o irmão.

EMBRATEL

A transmissão dos jogos ao vivo pela TV não foi a única novidade em solo brasileiro. Em três sedes da **Empresa Brasileira de Telecomunicações,** havia aparelhos que exibiam as imagens das partidas em cores.

ARQUIVO PLACAR

FIGURINHAS

Se no Brasil os retratos colecionáveis surgiram como mera ferramenta de marketing (eram oferecidos como brinde das Balas Futebol, doce popular nos anos 50 e 60), na Itália uma dupla de ex-jornaleiros transformou a brincadeira em negócio bilionário: Benito e Giuseppe Panini lançaram o primeiro álbum de figurinhas da Copa do Mundo licenciado pela Fifa. Até **Dirceu Lopes,** cortado da lista final de Zagallo, circulou entre os colecionadores.

BEATLES

"O sonho acabou." Foi dessa forma, com uma frase inesquecível, que John Lennon sintetizou o fim da maior de todas as bandas. A máxima aparece na canção *God,* lançada em dezembro daquele ano de 1970, no primeiro trabalho-solo do parceiro de McCartney. ***Abbey Road,*** homônimo do endereço do estúdio londrino que serviu de locação para a foto ao lado, foi o último álbum gravado pelo quarteto de Liverpool — mas circulou antes de *Let It Be.*

REPRODUÇÃO

GERD MÜLLER

Com dez gols anotados no México, o camisa 13 da seleção alemã (a terceira colocada do torneio) foi o **artilheiro** do Mundial de 1970. Desde então nenhum goleador de Copas conseguiu marcar tantas vezes em uma só edição.

HANS HENNINGSEN

"O marinheiro sueco", como o chamavam, era representante da marca Puma no Brasil. Ele e Pelé inventaram a primeira jogada de marketing das Copas: as **chuteiras** desamarradas do Rei minutos antes do pontapé inicial das partidas.

ISRAEL

A única vez em que se classificou para uma Copa, em 1970, a **seleção israelense** foi banida pela confederação asiática das eliminatórias subsequentes. Depois de ser incorporada pela Oceania, em 1994 a federação do país foi incorporada pela Uefa.

KAISER

O líbero **Franz Beckenbauer** não era considerado um legítimo representante da escola alemã. Para os puristas, o jovem jogador do Bayern de Munique não se mostrava "um lutador". Depois de 1970, porém, a dedicação do então camisa 4 nunca mais foi questionada. A alcunha *Der Kaiser* (O Imperador, em tradução do alemão) veio mesmo após a derrota na semifinal, 4 a 3 para a Itália. Beckenbauer jogou dos vinte minutos do segundo tempo até o fim da prorrogação com uma fratura na clavícula. O ombro só parou no lugar graças a uma atadura.

PHOTOSHOT/ICON SPORT

JUANITO

Motivo de várias noites em claro dos publicitários, as **mascotes** de eventos esportivos geralmente buscam sintetizar elementos da cultura do país-sede. Em 1970, porém, o tiro saiu pela culatra. Enquanto boa parte dos mexicanos embarcava na cultura hippie, vinculada ao rock, os organizadores do Mundial decidiram criar um personagem totalmente estereotipado: além de vesti-lo com a camisa da seleção local, meteram na cabeça do moleque rechonchudo um *sombrero* de palha, utilizado por camponeses contra o sol escaldante. Não pegou bem.

FOTOTECA GILARDI/GETTY IMAGES

LEE

Depois dar duas cacetadas, uma em Félix, a outra em Everaldo, chegou a vez de o **ponta-direita inglês** levar o troco. Coube ao capitão Carlos Alberto a desforra. O recado foi dado, e Lee não apareceu mais no jogo *(leia mais na pág. 21)*.

MÉDIA DE GOLS

A Copa de 70 foi a que ficou mais próxima de registrar a marca de três gols por partida, feito inalcançado desde 1958: **2,97 gols por jogo.** Na fase de mata-mata, a média do Mundial do México subiu para incríveis 4,7 gols por partida.

NOBUO OKUSHI

Em 11 de março de 1970, um grupo de militantes da luta armada da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) sequestrou o **cônsul-geral japonês** em São Paulo. Ele seria solto em troca da liberdade e exílio de cinco presos políticos.

O OURO PURO

Ou, mais exatamente: 3,8 quilos de ouro maciço. Eis a consistência da **Jules Rimet,** a taça dada ao campeão do mundo — e que em 1970 ficou definitivamente com o Brasil, por tê-la conquistado três vezes. E, no entanto, vergonhosamente, em 1983, ela seria roubada das instalações da CBF, no Rio de Janeiro, e inapelavelmente derretida.

ARQUIVO PLACAR

P PROPAGANDA

Na Copa de 1966, havia uma ou outra **placa de publicidade** à beira do gramado — os administradores de Wembley, contudo, vetavam esse tipo de "sacrilégio". Em estádios mexicanos, houve a definitiva explosão das propagandas à margem dos gramados — de bebidas a postos de gasolina, de indústrias químicas a fabricantes de roupa íntima. Depois, a Fifa só autorizaria anúncios de seus patrocinadores oficiais.

MARIO DE BIASI/MONDADORI/GETTY IMAGES

Q QUEM É O AUTOR DESTA TIPOLOGIA?

A Copa de 1970 tornou-se, também, um marco na história do design. O evento consagrou a fonte criada originalmente pelo americano **Lance Wyman** para a logomarca da Olimpíada de 1968, na Cidade do México. As letras fizeram tanto sucesso que foram reeditadas em 1986, quando o torneio voltou ao solo mexicano.

REPRODUÇÃO

R REPLAY

Já vimos este filme, literalmente. Como no caso do VAR, sigla em inglês para o árbitro assistente de vídeo, figura instituída na Copa de 2018, um estrangeirismo já havia vencido em 1970 na definição do nome da tecnologia que permitia a reexibição imediata de um lance pela TV. A presença do termo importado no meio da tela matou outras nomenclaturas, como **bilance,** cunhada pelo narrador Walter Abrahão.

T TELSTAR

Inspirada no desenho dos satélites de comunicação, a **bola oficial** da Copa foi revolucionária: a primeira na padronagem de 32 gomos (doze pentágonos e vinte hexágonos). As cores branca e preta, também inéditas, foram adotadas para facilitar a visibilidade pela TV (embora a Alemanha tenha jogado com uma versão em cor alaranjada, natural do couro).

U UNIÃO SOVIÉTICA

Na Copa das inovações, foi o técnico **Gavriil Kachalin** o primeiro a tirar proveito da regra da substituição. Na partida inaugural do Mundial, contra o time da casa, Puzach entrou no lugar de Serebryanikov. Foi o grande evento de um frustrante zero a zero.

S STANLEY ROUS

No Mundial do México, das catorze vagas disponíveis — além do país-sede, o atual campeão se classificava automaticamente —, oito foram destinadas a países da Europa: restaram três lugares para sul-americanos e outros três para demais confederações (África, América Central e Ásia). O inglês Rous, **presidente da Fifa** desde 1961, não percebeu a insatisfação e foi superado por João Havelange na eleição em 1974.

V VOLKSWAGEN

O então prefeito-biônico Paulo Maluf decidiu presentear (com dinheiro público, é claro) jogadores e membros da comissão técnica com **25 Fuscas** zero-quilômetro. Todos na cor verde-musgo, os automóveis traziam no para-brisa o slogan preferido dos militares à época: "Brasil, ame-o ou deixe-o". Denunciado pelo ato, Maluf acabou absolvido pela Justiça.

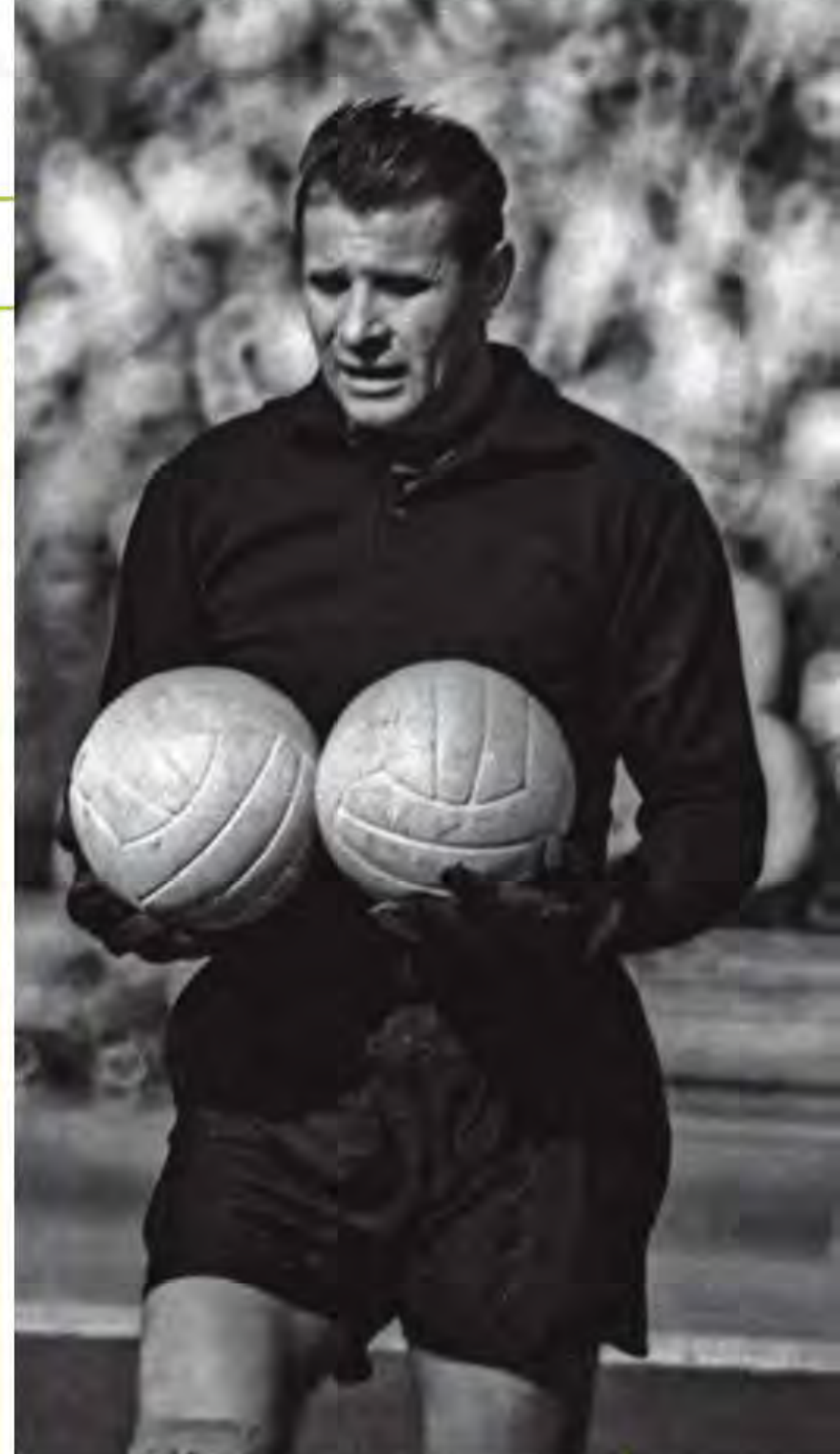
X XIS DA QUESTÃO

A pergunta que nunca quis calar: se **João Saldanha** fosse o treinador do Brasil no México, haveria o tri? É impossível saber. O time titular seria provavelmente o das eliminatórias: Félix; Carlos Alberto, Djalma Dias, Joel e Rildo; Piazza, Gérson e Pelé; Jairzinho, Tostão e Edu. "Por que esse time não poderia ser campeão do mundo?", indaga Paulo Cezar Caju, que sabe das coisas.

W WILSON SIMONAL

O rei do futebol e o "rei da pilantragem" — era como se autodefinia Simonal (1938-2000), sambista de muita fama naquele tempo. Amigo de Pelé, o cantor foi convidado a frequentar a concentração da seleção em 1970. A ida do músico à Copa também tinha lá seus interesses comerciais: a gravadora Odeon lançou no país-sede um disco intitulado **México '70,** com gravações em português, inglês, espanhol e italiano.

DIVULGAÇÃO

DMITRYI DONSKOY/SPUTNIK/AFP

Y YASHIN

O goleiro soviético Lev Yashin chegou à Copa do Mundo do México com 40 anos e, pela primeira vez, no banco de reservas — sua seleção parou nas quartas, eliminada pelo Uruguai. Foram quatro participações consecutivas em Mundiais, a começar pelo de 1958, na Suécia. A carreira brilhante do **Aranha-Negra** (o apelido vinha de seu uniforme todo preto) atingiu o ápice em 1963, quando Yashin foi o primeiro — e o único — goleiro a receber a Bola de Ouro oferecida pela revista *France Football*. Venceu também uma Eurocopa, em 1960.

Z ZAPATA

Em se tratando de México, apesar de todas as desavenças políticas e linhas ideológicas, sempre haverá um espaço para **Emiliano Zapata** (1879-1919), o líder da Revolução de 1910, que depôs o ditador Porfirio Díaz (1830-1915), forçado ao exílio na França. Sua frase mais conhecida: "É melhor morrer em pé do que viver de joelhos".

“ÉRAMOS MODERNOS”

Em conversa exclusiva com PLACAR, Tostão — hoje o mais arguto cronista esportivo do país, dono de uma coluna no jornal *Folha de S.Paulo* — demonstra por que a seleção de 1970 representou uma revolução tática

LEMYR MARTINS

O onze perfilado antes da partida final, contra a Itália: esquema 4-3-3 e não 4-2-3-1

“Revi os jogos de 1970 pela televisão e achei interessantes. Claro, sempre tive a impressão de que aquela seleção era ótima, mas acreditava que podia haver algum exagero, porque depois das vitórias tudo vira uma maravilha. Vendo agora, posso afirmar: ela é melhor do que eu acreditava antes. Fala-se tanto da lentidão daquele tempo, como se o futebol fosse outro — mas não. A seleção do tri foi revolucionária. Já praticava movimentações em campo que hoje são celebradas nos grandes times. Diminuía os espaços, do meio-campo para trás; contra-atacava com lançamentos para o Jairzinho ou com rápida troca de passes. Era uma equipe compacta — parecida, aliás, com as mais competentes formações de hoje. Havia pressão para recuperar a bola no próprio campo. Éramos modernos e não sabíamos.

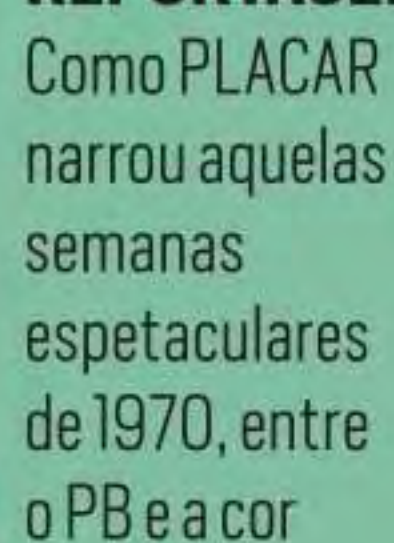
No início, a ideia do Zagallo era escalar o ataque do Botafogo: Gérson, Jairzinho, Roberto, que fazia muitos gols, e o Paulo Cezar no lugar do Rivellino. Só entraria o Pelé. O Zagallo foi experimentando, ora com o Roberto, ora com o Dario, e percebeu que havia muita troca de passes em toda a equipe — não precisaria ter um centroavante fixo lá na frente. Tanto que, num jogo amistoso contra a Áustria, na despedida do Brasil (1 a 0, gol de Rivellino, no Maracanã), ele me testou. Eu retornava aos gramados depois da cirurgia no olho; não estava em boa forma, mas joguei relativamente bem. E ficou a dúvida... Lembro que houve um jogo-treino em León (já no México, Brasil 5 a 2 no Deportivo León), o Zagallo disse que eu entraria. “Mas não quero que você jogue como no Cruzeiro, nem como jogou nas eliminatórias, com o Saldanha”, ele disse. O Pelé e eu jogávamos um do lado do outro, nos revezando. “Quero que se movimente na frente do Pelé e do Jairzinho. Acha que dá para fazer isso?” Sim, dava. Os videoteipes mostram que me movimentei no México muito mais do que tinha lembrança. Voltava, saía pelos lados, não parava. E aquela formação inaugurou uma discussão: é preciso mesmo ter um centroavante clássico? Não há regra definida. Você pode ter um centroavante que volte menos, se movimenta menos, ou que se movimente muito. Na Copa de 1974, o Cruyff, na teoria, era o centroavante do time, mas estava em todo lado do campo. Você pode ter na mesma posição jogadores de características diferentes. Para jogar um pouco à frente próximo do Pelé e do Jairzinho agressivos e artilheiros, era necessário um terceiro que funcionasse como facilitador. Essa foi minha função, e tinha plena consciência dela. Apesar de lances decisivos dos quais participei, contra Inglaterra e Uruguai, tive de ser minimalista, em nome do coletivo, da organização, da disciplina tática — tudo isso que se exige hoje em dia.

Em campo, era um 4-3-3, com três jogadores no meio-campo e três mais à frente. Era um esquema parecido com o que o Brasil tinha usado já em 1958, mas na Copa da Suécia o Zagallo era um ponta mesmo que fechava pelo meio. Rivellino, em 1970, foi um meia clássico que caía pela esquerda. Aquela postura moldou o ideal de muitos times que viriam no futuro (um bom exemplo é o Real Madrid, com Casemiro, Kroos e Modric fazendo essa trinca no meio). É parecida com a forma como a gente se posicionava. Não tem nada de 4-2-3-1 de que tanto falam”.

Depoimento dado a Alexandre Senechal

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

Tostão e Jairzinho emolduram a coreografia do camisa 10, gesto que ele já vinha ensaiando com a camisa branca do Santos

UM SOCO CARIMBADO PARA SEMPRE

A comemoração clássica de Pelé ao marcar contra a Checoslováquia virou até selo. Eis como se deu o registro, nas palavras do próprio Rei e do fotógrafo, Lemyr Martins

Há duas maneiras de enxergar a mãe de todas as fotos, talvez a mais conhecida imagem de uma Copa do Mundo. Um caminho é vê-la pelos olhos do modelo, Pelé. O outro é a interpretação do fotógrafo, o catarinense Lemyr Martins, que fez carreira e história em PLACAR.

Em entrevista a VEJA, em 2014, o Rei disse o seguinte, instado a relembrar a cena: "Esse gesto que ficou famoso, aqui em nossa estreia na Copa, contra a Checoslováquia, que vencemos por 4 a 1, eu já vinha fazendo desde o tempo do Santos e surgiu de modo espontâneo, como um desabafo. Eu nunca tinha visto ninguém fazer aquilo. Depois disso, muitos outros jogadores passaram a dar socos no ar e alguns começaram a inventar, a mudar um pouco, dar de baixo para cima, para não dizer que estavam me imitando. Acabou virando uma marca minha, principalmente por causa do sucesso dessa foto, mais ou menos como aconteceu com a bicicleta por causa de uma foto tirada no Maracanã. A diferença é que a bicicleta, todo mundo sabe, era coisa do Leônidas, e o soco é meu mesmo".

Nas palavras de Lemyr Martins, eis como aconteceu, no Estádio Jalisco, de Guadalajara, aos catorze minutos do segundo tempo daquele 3 de junho de 1970: "As câmeras de televisão estavam todas do outro lado. A comemoração, em movimento, mostra os jogadores de costas. Eu estava do lado bom do campo. Senti que foi quase exclusivo, como se Pelé comemorasse para mim. Virou marca registrada. E com o Rei foi sempre assim — todo documento feito em torno da imagem dele ganha valor, cresce".

O soco, aquele soco no vazio, ganhou vida própria — depois da Copa virou selo dos Correios. E o que há de mais perene que um selo, registro carimbado de um tempo, aquele que vivíamos antes da pandemia?

LEMYR MARTINS

QUANDO PELÉ QUEBROU A ESPINHA DO DESTINO

Em quatro jogadas geniais, contra Checoslováquia, Inglaterra e Uruguai (duas vezes), o Rei quase marcou. Se a bola tivesse entrado, qualquer uma delas, só permaneceria a beleza momentânea. Como os gols não aconteceram, ficaram para a eternidade

Pelé fez uma Copa do Mundo particular, que pode ser contada em quatro lances geniais — os quase gols mais espetaculares de todos os tempos, uma ode à beleza do futebol. E, pensando bem, foi bom aquelas bolas não terminarem na rede, porque haveria algum desencanto, seria frustrante.

I

Nos acréscimos da semifinal, com a vitória garantida contra o Uruguai, 3 a 1 para o Brasil, deu-se a maior das quatro obras-primas, como se Michelangelo vestisse a amarelinha. No romance *O Drible,* um pequeno clássico da escassa literatura futebolística nacional, o escritor Sérgio Rodrigues dedica as cinco primeiras páginas à descrição dos movimentos de balé — de balé, por que não? Quem mostra a cena ao filho em uma "TV velha trambolhuda de tubo de imagem" é Murilo, um famoso cronista à beira da morte. "O lance não deve ter mais de dez segundos, mas com as interrupções de Murilo enche minutos inteiros enquanto ele narra sem pressa, play, pause, rew, play, o que na época foi narrado com assombro". Num contra-ataque rápido, Tostão vê Pelé "se projetando da meia-direita feito um bicho, uma pantera com sangue de guepardo". O goleiro de origem polonesa Ladislao Mazurkiewicz (1945-2013) se lança à bola, fora da grande área. Pelé tem duas opções óbvias: chutar dali mesmo ou tentar um drible pela esquerda, para arrematar de canhota rumo ao gol vazio. #sqn. "Aí ele não faz o certo, faz o sublime", lê-se em *O Drible.* "Troca o caminho batido do gol, o gol certo que tinha feito tantas vezes, pelo incerto que, como veremos, jamais faria. Na TV, enquanto os dois borrões lentamente se fundem, a bola, um descalabro, passa por eles." Pelé tirou o pé e deu uma meia-lua no goleiro celeste. A bola de um lado, o Rei do outro e Mazurka atordoado, de braços abertos. Pelé, para conseguir dar a volta e reencontrar a pelota, chegou até ela com o corpo desequilibrado, de lado para a meta. O zagueiro Ancheta correu desesperado para tentar cobrir o gol. O camisa 10 bateu de primeira, com a perna direita. Ancheta deu um carrinho desajeitado, tropeçou e caiu. E a bola passou, caprichosa, ao lado da trave. "Pelé desafiou Deus e perdeu", escreve Sérgio Rodrigues, pela voz de seu personagem. "Esse gol que ele não fez não é só o maior momento da história do Pelé, é também o maior momento da história do futebol. A intervenção do sobrenatural, o relâmpago de eternidade."

Foi tão espetacular que muita gente perdeu a cabeça e se perdeu na narrativa. Na edição em inglês de *Febre de Bola,* Nick Hornby cometeu um deslize corrigido na tradução brasileira, mas ruidoso no original, ainda que não diminua a qualidade dos livros do mais pop dos autores. Ao lembrar daquele instante, que nunca mais lhe abandonou a retina, Hornby se referiu a Mazurkiewicz como "goleiro peruano", confundindo as fronteiras sul-americanas, embaralhado pelas consoantes do jogador uruguaio. Hornby está desculpado porque, como anota Sérgio Rodrigues, "o drible de Pelé em Mazurkiewicz quebrou a espinha do destino e o mundo degringolou".

II

Naquela mesma partida contra o Uruguai, Pelé já tinha sido o protagonista de outro lance igualmente inesquecível. Quando o jogo (um dos mais tensos da Copa) ainda estava 1 a 1, o goleiro Mazurkiewicz cobrou mal um tiro de meta. A bola, baixa e com pouca força, quase bateu num za-

A bola de um lado, o Rei do outro e o goleiro uruguaio Mazurkiewicz atordoado: o sublime, e não o certo

REPRODUÇÃO

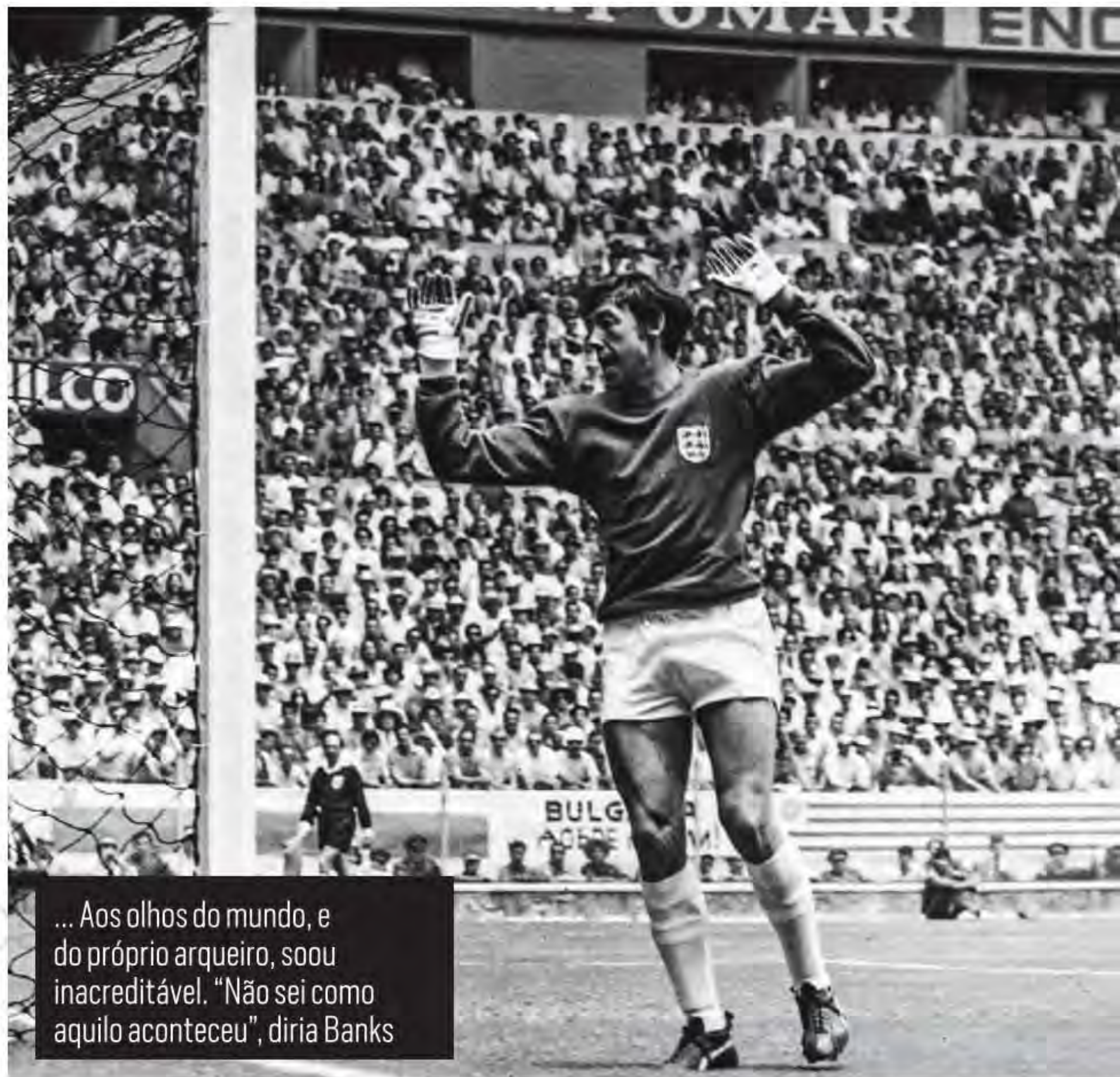
E lá foi ele, ao céu, em busca do cruzamento feito por Jairzinho. Na pequena área, cabeceou para baixo, forte, firme...

FOTOS LEMYR MARTINS

... A bola quicou no gramado, a caminho da rede, mas o goleiro inglês Gordon Banks, ágil como um gato, conseguiu tocá-la...

gueiro da Celeste, que estava junto à linha da grande área e precisou se abaixar para não ser atingido. Na intermediária, Pelé ajeitou o corpo e chutou com tudo, de perna direita, em voleio. A bola foi direto ao centro do gol, mas o arqueiro uruguaio se recuperou a tempo e, para conseguir agarrá-la com as duas mãos, sem oferecer rebote, precisou dar uma cambalhota — tal a força da estilingada do brasileiro.

III

Pelé já havia criado outras duas joias na fase de grupos. Uma delas brilhou no confronto que valia a liderança do grupo 3, o tal "jogo do século" contra a Inglaterra. Era a detentora da Jules Rimet, campeã em 1966, contra os bicampeões brasileiros, donos do título em 1958 e 1962 — o prêmio pela vitória seria escapar da Alemanha Ocidental nas quartas de final. Logo aos nove minutos, o capitão Carlos Alberto, ainda no campo do Brasil, fez um lançamento em profundidade para Jairzinho, que driblou rapidamente na direção da linha de fundo e, quando a bola estava prestes a sair, cruzou alto na pequena área. Pelé, sempre ele, saltou mais alto que o zagueiro e cabeceou com força, para baixo — uma cabeçada perfeita, de antologia ("Acertei exatamente como eu esperava, a bola foi aonde eu queria que fosse", disse o Rei anos mais tarde). Em apenas seis décimos de segundo, a pelota quicou no chão, a menos de 2 metros do gol, e começou a subir novamente. O goleiro já estava caído e, com enorme agilidade e destreza, deu um tapa de baixo para cima, tirando a redondinha por cima do travessão. *"Una defensa impresionante de Banks"*, gritou o narrador da TV mexicana. *"What a fantastic save by Gordon Banks"*, exclamou, aliviado, o colega inglês. De lá para cá, já se falou tudo: foi uma defesa que desafiou as leis da física, uma defesa que parou o mundo, a maior defesa de todos os tempos em um jogo de futebol. Em diversas ocasiões, Pelé disse que o lance foi mais importante que os gols que ele fez em 1970. Banks, por sua vez, sempre reconheceu que aquele foi um grande momento de sua carreira (que incluiu a conquista da Copa de 1966, jogando em casa). Em 2016, ele relembraria o lance mágico. "Em todo o mundo as pessoas ainda se impressionam com aquela defesa. Se eu soubesse quão importante aquele lance se-

... Aos olhos do mundo, e do próprio arqueiro, soou inacreditável. "Não sei como aquilo aconteceu", diria Banks

ria até hoje, não teria impedido o gol. Até hoje eu me pergunto e não consigo responder como aquilo aconteceu. Me desculpe, Pelé." Banks morreu aos 81 anos, em fevereiro do ano passado.

IV

Por fim, o derradeiro capítulo desta história, aqui contada de trás para a frente. Foi escrito logo na estreia, contra a Checoslováquia, prólogo do que o Rei apresentaria no México. As duas equipes voltaram do intervalo com o placar marcando 1 a 1. O dramaturgo e cronista Nelson Rodrigues descreveria a cena a seu modo, superlativo e preciso a um só tempo. "Recomeça a partida e Pelé ainda estava no campo brasileiro. Apanha a bola. E, súbito, recebe a visita do próprio gênio. Viu que o goleiro checo estava fora de posição, muito adiantado. Fez, então, o que não ocorreria a ninguém. De onde estava, deu um prodigioso tiro de cobertura. A TV, que não sabe fantasiar e tem o escrúpulo da mais exata veracidade, descreveu-nos o lance." Do momento em que o 10 chutou, de dentro do círculo central, até o momento em que a pelota voltou a tocar o gramado, 60 metros à frente, passaram-se exatos três segundos. Em 2014, a TV Globo digitalizou as imagens e, graças a um programa de computador, mostrou que a bola alcançou 7,3 metros de altura no ponto mais elevado da parábola, a uma velocidade de 105 quilômetros por hora. Sem dispor dessas informações, o narrador sentenciou, ao vivo, pelo rádio: "Quase, quase, quase, quase, quase que ele derruba este estádio se ele faz o gol. Seria o gol maior da Copa."

Nelson Rodrigues traduziu. "Por um momento, ninguém entendeu. Por que Pelé não passou? Por que atirava de tão espantosa distância? E o goleiro custou a perceber que era ele a vítima. Seu horror teve qualquer coisa de cômico. Pôs-se a correr, em pânico. De vez em quando, parava e olhava. Lá vinha a bola. Parecia uma cena d'*Os Três Patetas*. E, por um fio, não entra o mais fantástico gol de todas as Copas passadas, presentes e futuras. Os checos parados, os brasileiros parados, os mexicanos parados — viram a bola tirar o maior fino da trave. Foi um cínico e deslavado milagre não ter se consumado esse gol tão merecido. Aquele foi, sim, um momento de eternidade do futebol. Pelé nunca foi tão alto no seu gênio. Mas por que fez isso? Simplesmente, ali o Rei se vingava das nossas vaias."

TESTEMUNHA OCULAR DA HISTÓRIA

PLACAR nasceu em março de 1970, dois meses antes da Copa, e acompanhou todos os passos da seleção — da reta final da preparação até a conquista no Estádio Azteca

A primeiríssima edição de PLACAR tem uma capa em tons de verde e amarelo, com fotos de Pelé, Tostão e do então treinador João Saldanha e sete chamadas, todas ligadas ao Mundial de 1970. Uma delas dizia: "Seleção vive o seu pior momento". Ao lado, segurando a taça Jules Rimet, o Rei garantia ter uma "receita para ganhar a Copa". Corria o mês de março e o momento era mesmo agitado entre os jogadores e, sobretudo, dentro da comissão técnica. Ao comprar seu exemplar, o leitor ganhava uma moeda comemorativa, com a efígie de Pelé — que aparece, sem camisa, ao lado do fundador da Editora Abril, Victor Civita (1907-1990), recebendo o modelo em gesso que havia sido usado como matriz para produzir as peças.

No sábado anterior à chegada às bancas do número 1 da revista, o Brasil havia empatado com o Bangu (1 a 1), em um jogo-treino. Antônio do Passo decidiu pedir demissão do cargo de presidente da comissão técnica. Imediatamente começaram os rumores de que Saldanha também cairia — o que se concretizou na noite da terça-feira 17 de março. João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, a CBD (mais tarde rebatizada de CBF, trocando os desportos só pelo futebol), dissolveu toda a equipe de apoio. Saldanha, como era de seu costume, respondeu atirando: "Não sou sorvete para ser dissolvido". Zagallo, que treinava o Botafogo, foi chamado para assumir a seleção no dia seguinte. No domingo, o Brasil enfiou 5 a 0 no Chile, em amistoso no Morumbi.

Toda a crise foi descrita em detalhes na segunda edição de PLACAR, que circulou com data de capa de 27 de março (sempre sexta-feira, apesar de ela começar a ser distribuída às segundas-feiras). Todas as capas (e quase todas as reportagens) tratavam dos preparativos para a Copa do México. No quarto número da revista, ao falar de dois

As três primeiras edições ao longo da Copa: já na largada, celebravam-se a excelência do time e o uso "sensacional" de cores

Primeira fila: Jair, Carlos Alberto, Capitão Coutinho, Pelé, Fontana, Brito, Gérson, Piazza, Baldocchi, Tostão, Rivelino, Zé Maria e Joel. Segunda fila: Dr. Lídio Toledo, Admildo Chirol, Sebastião Alonso, Zagalo, Antônio do Passo, Paulo César, Tarso Herédia, Dario, Brig. Jerônimo Bastos, Dr. Mauro Pompeu, Achiles Chirol e Marco Antônio. Terceira fila: Nocaute Jack, Mário Américo, Roberto, Rogério, Everaldo, Ado, Clodoaldo, Edu, Felix e o Prof. Parreiras.

DOIS PROBLEMAS PARA A SELEÇÃO

UM ESTÁ SENDO RESOLVIDO: O TERRÍVEL ISOLAMENTO. MAS O OUTRO É DIFÍCIL: AS CHUTEIRAS ADIDAS.

Guanajuato está a 2 100 metros de altitude, fica a apenas 60 quilômetros de León e é um local de completo isolamento. Os 2 100 metros de altitude permitem que seja realizado o programa de superaclimatação planejado pelos médicos e preparadores físicos. A pequena distância de León beneficiará o time, no caso de sermos os segundos colocados no Grupo: se isso acontecer, jogaremos lá. Mas o isolamento trouxe problemas inesperados e de difícil solução.

Qualquer novidade que quebre a monotonia do Parador San Xavier toma proporções exageradas, seja ela boa ou má notícia. Assim, o desaparecimento do relógio de Jairzinho virou um grande escândalo, com participação até da polícia. E a volta de Fontana, Dario e Tostão aos treinos, bem como os bons resultados dos testes de Cooper e **endurance** foram motivo de exagerada alegria.

Mas o grande problema surgiu quando descobriram o motivo das sucessivas contusões dos jogadores (Dario, Ado, Roberto, Everaldo, Fontana): o péssimo estado do campo. Viajar 45 minutos de ônibus em estrada tortuosa para treinar no Clube Irapuato não era uma boa solução.

Só no fim da semana é que a Comissão Técnica e os jogadores entraram num acôrdo e os problemas começaram a ser resolvidos: 1 — Zagalo suspendeu os coletivos, para evitar mais contusões; 2 — os buracos do campo foram tapados; 3 — os jogadores desistiram da idéia de fazer compras; 4 — Zagalo começou o treinamento de ataque contra defesa, que entusiasmou todo mundo e faz com que os jogadores passem as horas de folga discutindo como furar o bloqueio da defesa (formada no treino como as européias).

Agora, o Brasil vai ficar em paz e com sua fôrça total para tentar trazer a Copa do Mundo.

O único jogador da Seleção Brasileira que entra em campo com uma chuteira totalmente preta é, também, o único jogador da Seleção satisfeito com o que está calçando: Pelé. Êle é o único que não assinou contrato com a fábrica Adidas ou com a Puma e, portanto, o único que não foi enganado.

Quando assinaram o contrato, ainda no Rio, os jogadores se comprometeram a usar as chuteiras (de frisos brancos) durante todos os jogos da Copa. Cada um dêles, titulares e reservas, ganharia 40 dólares pelas oitavas de final, 50 pelas quartas, 70 pelas semifinais e 100 pela finalíssima. Mas nenhum dêles leu com atenção as cláusulas do contrato. Resultado: uma delas diz que só recebe o dinheiro quem participar dos jogos. Os reservas, então, estão promovendo a fábrica de graça.

Isso provocou grande discussão entre Fontana, Gérson, Pelé e outros jogadores, na enfermaria, antes do treino de Irapuato. Pelé disse que êles deveriam obrigar a fábrica a pagar a todo mundo. Gérson e Fontana acusavam a fábrica de desonesta: êles leram o contrato antes de assinar, afirmam que não havia essa cláusula.

E vários jogadores romperam o contrato com a Adidas, para assinarem com a Puma, que paga também aos reservas.

Depois de usarem as chuteiras por algum tempo, os jogadores descobriram o maior problema delas: afinam muito no bico e machucam os dedos.

Pelé, depois de pintar de prêto os frisos brancos de suas chuteiras, prometeu que vai doá-las ao Museu dos Sapatos, de León, cidade famosa em todo o México pela qualidade dos calçados que fabrica. Ele é o único fora da briga. A publicidade das chuteiras em que Pelé põe os pés custa muito mais do que os 260 dólares que os outros jogadores vão receber.

PLACAR 17

Reportagem de 22 de maio de 1970, a pouco mais de dez dias da estreia: otimismo cauteloso, à sombra da derrota vergonhosa de 1966, na Inglaterra

jogos-treino em Manaus, os editores sentenciaram: “Apesar de tudo, nosso jôgo *(com acento, como mandava a grafia da época)* está crescendo”. Ao mesmo tempo, havia dúvidas: “E agora, Tostão ou Pelé?” (já que a grande maioria de fato achava que os dois não podiam atuar juntos) e “Um gol sem ninguém” (diante da indefinição para saber se Félix, Ado ou Leão seria o titular). Havia também denúncias. Na reportagem “Querem acabar com Pelé”, os técnicos das seleções europeias eram acusados de “ensinar seus jogadores a machucar Pelé na Copa sem serem expulsos”. Em maio, o título principal estampava, em tom de inquisição: “Esquema da seleção foi decidido no quarto de Pelé”, com todos os deta-

lhes da histórica reunião que contou também com Tostão, Rivellino, Gérson e Clodoaldo antes do último amistoso no Maracanã, contra a Áustria, quando os craques bancaram o time com todos juntos, mais Jairzinho na ponta direita, no desenho tático que se consagraria um mês depois.

Quando o time canarinho partiu rumo ao México, o time de PLACAR foi junto. Na edição 10 (22 de maio), nosso escrete de enviados especiais foi apresentado aos leitores: Woile Guimarães (editor); Aymoré Moreira (consultor técnico); José Maria de Aquino, Hedyl Valle Júnior e Michel Laurence (repórteres); Sebastião Moreira e Lemyr Martins (fotógrafos). A primeira reportagem enviada do México dizia que havia dois problemas. O primeiro era o "terrível isolamento", pois o local escolhido para melhorar a preparação física era a pequena cidade de Guanajunto, a 2 100 metros de altitude. O segundo eram "as chuteiras". Com exceção de Pelé, os outros 21 convocados haviam assinado contratos com a Adidas em troca de 40 dólares por jogo da fase de grupos, 50 dólares nas quartas, 70 dólares na semifinal e 100 dólares caso o Brasil chegasse à final. Porém, a empresa só previa o pagamento a quem de fato entrasse em campo — e houve uma rebelião, com alguns atletas trocando a marca alemã pela Puma (que não discriminava os reservas). Além disso, muitos se queixavam de que as chuteiras, com o uso, afinavam o bico, machucando os dedos. Pelé, informavam os repórteres da revista, não apenas pintou de preto as listras brancas como prometeu doar um par ao Museu dos Sapatos de León, cidade mexicana famosa pela qualidade dos calçados ali fabricados.

Vencido o Uruguai, o entusiasmo virou celebração nas capas da revista, até o retorno dos tricampeões ao Brasil, recebidos com carnaval na ruas

Claudio Coutinho, supervisor da seleção e um dos responsáveis pelo preparo físico, garantia na edição 11: "Estamos com um supertime, pronto, num nível físico excepcional". E João Saldanha (sim, o técnico que havia saído brigado) escrevia uma coluna exclusiva para PLACAR, analisando a força dos principais adversários naquele Mundial. "Vamos precisar de algo mais que futebol: sorte", acreditava ele. Na semana seguinte, a revista estampou na capa Pelé com um *sombrero* na cabeça e um buquê de flores na mão — e começava a cobertura do campeonato. O primeiro jogo, entre México e União Soviética, foi caracterizado como "feio e covarde", por causa do zero a zero insosso. Junto com uma tabela com todos os jogos do Mundial, os editores fizeram suas apostas, grupo a grupo — com quase 100% de precisão, saberíamos depois. Na verdade, acertaram os oito países que passariam para as quartas de final e só erraram a ordem de classificação no Grupo 2 (a previsão era Uruguai à frente, mas o líder acabou sendo a Itália).

"Vá também ao México, é só ligar a televisão", dizia o texto. "Se você não é frequentador dos estádios, vai certamente encontrar alguma dificuldade para entender a estranha linguagem dos locutores", explicava a reportagem. E, enquanto Henfil divertia com seu traço sarcástico e preciso *(leia mais na página 56)*, Aymoré Moreira, que tinha sido treinador do Brasil na conquista do bicampeonato mundial, em 1962, usava toda a sua experiência para analisar os resultados e os próximos desafios da seleção *(leia mais no quadro da página 50)*.

As três edições seguintes foram dedicadas ao deslumbramen-

TODOS DE JOELHOS, ESTAMOS SALVOS

Todo o Estádio Jalisco era um só desespêro. O drama de 1950 ainda atormentava a cabeça de todos os torcedores e os pés de nossos onze jogadores em campo. Mas milagrosamente aparece, em qualquer canto do gramado. Tostão limpando o lance e espichando-se para a corrida de Jairzinho. Dali sai o chute que engana o grande Mazurkiewicz, bate na trave e entra. Entra no gol e nos nossos corações. Jairzinho se ajoelha, faz o sinal-da-cruz e todos os companheiros, chorando, o abraçam ajoelhados. Era uma imensa pirâmide humana, chorando. Ali estava a maior Seleção do mundo passando à final da Copa.

CARTA DO EDITOR

PLACAR

Antes de PLACAR nascer, sua equipe fêz quatro números experimentais (capas acima). Durante dois meses, repórteres e fotógrafos viajaram pelo Brasil, México, El Salvador, Peru, Chile, Argentina e Uruguai. A fotografia da capa dêste número é de Lemyr Martins.

HOMENAGEM A PELÉ

Victor Civita, Editor e Diretor de PLACAR, entrega a Pelé, no Floresta Country Club, o modêlo em gêsso da matriz usada na feitura da moeda com a efígie do Rei, presente de PLACAR para os seus leitores.

GILBERT, O ESCULTOR

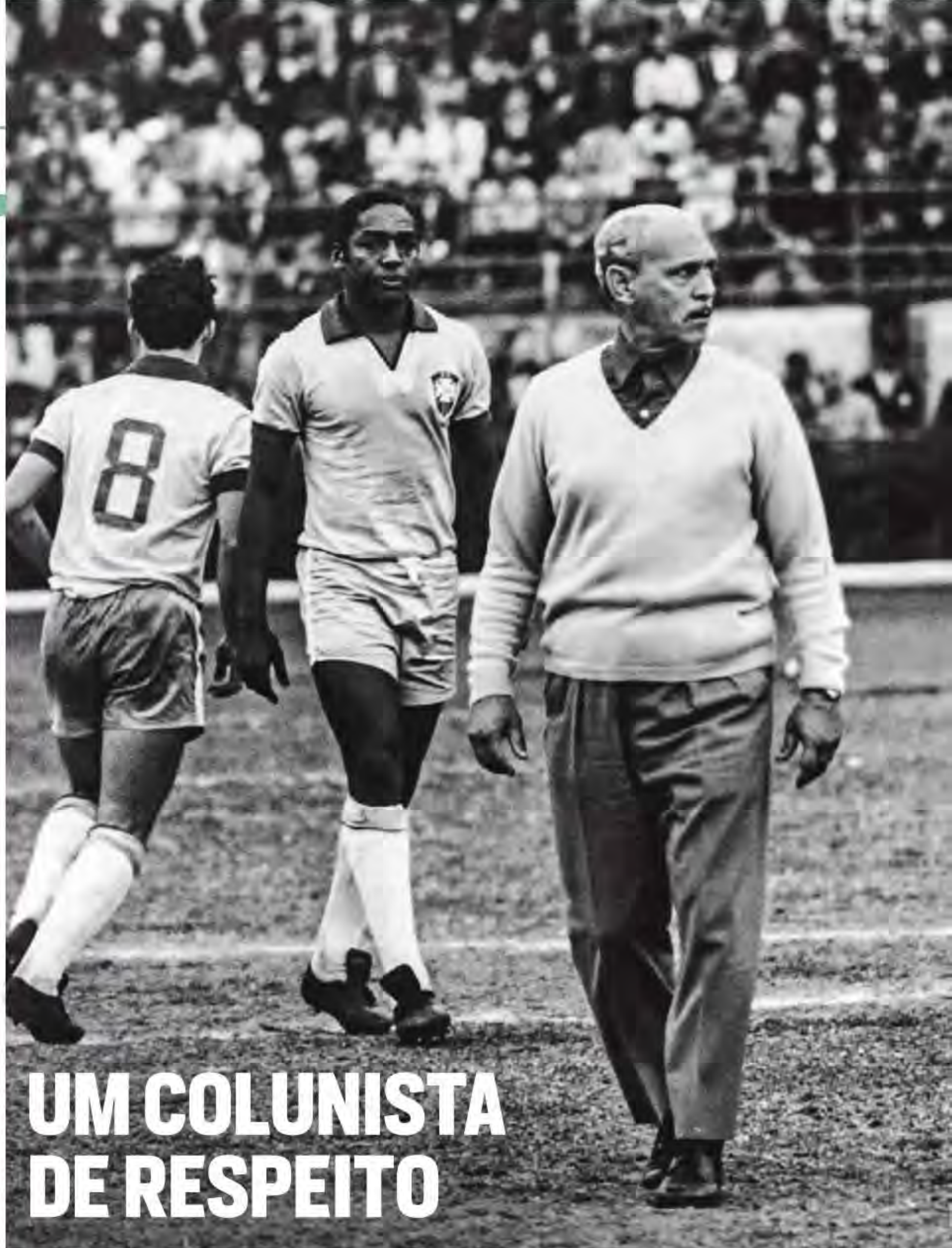
Natural de Roubaix e formado na Escola do Louvre, Dio Gilbert é o autor da efígie de Pelé. Expressionista que se dedica à figura humana, êle define seu trabalho como a participação conjunta do artista e do modêlo. Com 48 anos, Dio está no Brasil desde 1955. Fêz seus trabalhos em epóxi, material usado na Apolo 12.

Os recursos industriais impunham páginas coloridas ao lado do preto e branco *(acima)*; era técnica usada desde a estreia de PLACAR, celebrada com uma moeda com a efígie de Pelé

to provocado por nossos craques nos gramados mexicanos. Numa época em que era impossível fazer uma revista inteiramente colorida, como hoje, PLACAR estampou com orgulho, na capa de 12 de junho: “Em cores: a sensacional estreia das feras”, referência ao massacre de 4 a 1 sobre a Checoslováquia. Na capa e nas páginas internas, as fotos do segundo jogo, contra a Inglaterra, por questões técnicas, eram todas em preto e branco (mais tarde, elas seriam publicadas também em cores). Com apenas duas partidas disputadas, já estava claro para todo o mundo que um certo camisa 10 era mesmo o dono da bola. “O Super-Rei” era o título da reportagem, em duas páginas (coloridas, é claro), destacando que “Pelé é o

homem que despreza todas as lógicas do futebol, que excede".

Ao fim da segunda semana, o Brasil já havia feito mais dois jogos: 3 a 2 contra a Romênia e 4 a 2 sobre o Peru, nas quartas de final. EXTRA! EXTRA! EXTRA! É CARNAVAL, exclamou PLACAR, sem esquecer a importância das fotos coloridas: "As cores sensacionais de Brasil e Romênia" era a chamada principal, na capa. Nas páginas internas, além dos relatos sobre cada partida jogada nos gramados do México, algumas reportagens especiais engrandeciam a cobertura. "Revolução no futebol" era o título de uma delas. No texto, as novidades daquela time fantástico e encantador. "Nosso time joga na defesa, mas seu ataque é o mais poderoso desta Copa. O segredo? Disciplina tática, apenas." Em outro destaque, "As lições que os clubes brasileiros ainda não conhecem para ter um supertime: organização e preparação física". Em outra página, PLACAR questionava: "E quando Pelé acabar?". A conclusão, óbvia, era que passaríamos a ter o "futebol-tristeza". E Gérson, nosso genial camisa 8, que havia ficado fora de dois jogos, por causa de uma lesão, mas retornara na vitória sobre os peruanos, era celebrado como "o terror da Copa".

Na quarta-feira 17 de junho, as duas semifinais foram jogadas ao mesmo tempo. Na Cidade do México, Itália e Alemanha protagonizaram um dos maiores confrontos da história das Copas. O alemão Franz Beckenbauer machucou a clavícula e, como as duas substituições já haviam sido feitas, seguiu até o fim com o braço numa tipoia. No tempo normal, 1 a 1. Na prorrogação, inéditos cinco gols: final 4 a 3 para os italianos. Em Guadalajara, Brasil e Uruguai repetiram a final de 1950 e, num jogo tenso, enterramos de vez aquele tenebroso fantasma.

UM COLUNISTA DE RESPEITO

PLACAR sempre teve um time de grandes jornalistas. E também contou, ao longo de seus 50 anos, com colaboradores muito especiais. Em seus primeiros tempos, a revista tinha ninguém menos que Aymoré Moreira, treinador da seleção que conquistou o bicampeonato mundial no Chile, em 1962, como colunista. E foi assim, na condição de "consultor técnico", que ele viajou ao México para acompanhar a Copa de 1970. Aos 58 anos, Aymoré também já havia treinado grandes clubes, como Flamengo, Palmeiras, Santos e São Paulo — e era um dos técnicos mais respeitados do país. E conhecia bem os jogadores e dirigentes, porque esteve no comando da seleção entre 1967 e 1968, logo após o fracasso da participação no Mundial da Inglaterra, em 1966.

"Nos quarenta dias que passamos juntos", escreveu o editor Woile Guimarães, "numa suíte do Hotel Stella Maris, soube por que Aymoré entende tanto de futebol, compreendi por que ele é respeitado, por que os repórteres o procuram tanto e também por que ele ficou com a fama de falar demais: é o único técnico que fala demais, mas nunca diz bobagem." No México, esse personagem acabaria assumindo um duplo papel: além de colunista de PLACAR, era espião a serviço da comissão técnica brasileira.

Leia a seguir, um dos textos escritos por Aymoré para PLACAR, na toada do tri.

Aymoré Moreira (1912-1998) foi campeão do mundo pela seleção na Copa de 1962, no Chile; a convite de PLACAR, ele escrevia semanalmente

GERALDO GUIMARÃES

"MEU ENCONTRO COM A SELEÇÃO"

Quando cheguei ao México e comecei a assistir a treinos de outras equipes, a conversar com técnicos conhecidos de velhas excursões e Copas, minha disposição era apenas colher informações para mim mesmo, como profissional de futebol, e cumprir as missões que tenho na cobertura desta Copa, como consultor técnico de PLACAR.

A imprensa, que sempre conheci quando estava "do outro lado do balcão", na mesma hora começou a chamar-me de "espião" da seleção brasileira. Não era isso. Estava apenas trabalhando para PLACAR e aprendendo mais sobre futebol.

Quando souberam que fui à noite — num horário em que as portas se fecham — à concentração do Brasil, a onda aumentou. Vou explicar essa história direito.

Não havia motivo para não assistir a um treinamento da nossa seleção. Queria saber como iam as coisas, ver como iam os jogadores, o time, bater papo com o pessoal do meu tempo. E fazer meu trabalho para nossa revista, indiretamente ajudando a seleção. Para mim, foi muito bom rever o pessoal. Logo que cheguei ao Clube Providência, Leão e Chirol vieram falar comigo fora do campo. Não cheguei a trabalhar com Leão na seleção, nem no Palmeiras, mas o seu gesto e o de Chirol me deram logo uma certeza: os jogadores estavam bem, o pessoal estava descontraído, à vontade.

Começaram a dizer que eu "já sabia tudo sobre a Alemanha e ia entregar o relatório". O problema era outro. Estava chegando a Guadalajara às vésperas da Copa e só vi o último treino. Mas tinha de continuar um tratamento iniciado no Brasil: o acidente que sofri há dois meses prejudicou um pouco os dedos centrais da mão esquerda e procurei o doutor Lídio para continuar o tratamento.

Antes mesmo de tocar no assunto, Lídio me disse que fazia questão de que eu fosse até lá, porque ele e o "Tio" — Mário Américo, amigo de mais de vinte anos, com quem trabalhei nos melhores e piores momentos — cuidariam de tudo. Além disso, Antônio do Passo e Zagallo me chamaram para jantar com eles e os jogadores. Não porque eu seja isso ou aquilo, mas porque vivemos juntos muitas situações do futebol. Isso cria uma espécie diferente de amizade, que não acaba com uma mudança de clube ou de função.

Não espionei nada. É evidente que, por exemplo, quando Carlos Alberto e Pelé deixaram o cinema para bater papo conosco, falamos de futebol. Eles me falaram do deles, eu lhes falei do que tinha visto pelas outras chaves. Quando dois jóqueis se encontram, o assunto é corrida de cavalos. Quando dois toureiros se encontram, o assunto é touro.

Tanto com Zagallo quanto com os jogadores a conversa foi futebol. No meio de uma Copa do Mundo, um técnico e seus jogadores não vão falar de morangos ou de vacas (como as que tenho no meu sítio), mas sim de futebol.

Zagallo me impressionou com a calma e a tranquilidade com que falava dos problemas do time. Senti que é realmente quem melhor conhece as virtudes e falhas da seleção. Quando fez aquela substituição contra os checos, provou isso. Marko é um veterano, mas perdeu o jogo por usar mal o banco. E Zagallo, pondo Paulo Cezar no lugar de Gérson, que não queria sair, ganhou aquele jogo e preparou-se para o seguinte.

O que mais me impressionou nos momentos em que vivi com eles, fora do tumulto de treinos e visitas, foi o perfeito entendimento entre jogadores e dirigentes. A seriedade com que a Copa do Mundo é tratada é impressionante. Nós, técnicos, sabemos quando o time quer ganhar de qualquer jeito ou quando quer apenas ganhar. E nossa seleção quer ganhar de qualquer jeito.

A VOLTA DOS DEUSES DO FUTEBOL

A partir das 11 horas de têrça-feira, dia 23, Brasília e o govêrno
pararam. Ali, os tricampeões do mundo
iriam pisar pela primeira vez o solo do Brasil. E Brasília
preparou para êles a maior festa de seus dez anos de
existência. Tôdas as ruas e avenidas, do aeroporto até o Palácio
do Planalto, estavam cheias de
torcedores, com bandeiras do Brasil, do Atlético Mineiro, do
Cruzeiro e do Flamengo. O Presidente Medici
cumprimentou Zagalo, abraçou todos os jogadores e depois
fêz que cada um dêles subisse
ao parlatório e erguesse a Taça para o povo, que aplaudia sem
parar. Depois, o presidente ofereceu um
almôço à delegação (quase 4 horas da tarde); à sua mesa
sentaram-se João Havelange, presidente da CBD,
o Brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação, e Carlos
Alberto, nosso capitão. Pelé almoçou na mesa ao lado,
com a Sra. Scyla Medici. Após o almôço, Zagalo e cada um dos
jogadores receberam um cheque de Cr$ 25 000,00,
dado pela Caixa Econômica Federal, por ordem do Presidente
Medici. À tarde, os jogadores embarcaram
para o Rio e ai começou a loucura de alegria no país — os
cariocas fizeram o maior carnaval de tôda a sua
história, com um milhão de pessoas nas ruas. Na quarta-feira, os
mineiros festejaram a chegada de Tostão, Piazza, Fontana e Dario, unindo as
do Cruzeiro e do Atlético; os gaúchos fizeram
um rei; e a única decepção ficou em São Paulo: nem Pelé, nem Carlos Alberto,
apareceram. As fotos da chegada de nossos
Luiz Humberto e Roberto Stuckert (Brasília); Fernando
Rodrigues, Antônio Andrade, Alberto Jacó e Adhemar Veneziano (Rio); Assis
(Pôrto Alegre); Célio Apolinário (Belo Horizonte); Manoel Motta, Chico Nelson e José Antônio

Os craques transformados em deuses — mas PLACAR deixou clara a distinção entre a vitória e o indevido aproveitamento político do título no México

No dia seguinte, PLACAR chegou às bancas com uma edição extra: dezesseis páginas, todas em preto e branco, sendo oito sobre a derrota no Maracanã, vinte anos antes. Na capa, o sentimento geral de um país: VINGANÇA!, em letras garrafais. No detalhe, "Brasil liquida o Uruguai". Estava preparado o caminho para a grande festa no domingo.

A "Edição da Vitória" é quase toda em preto e branco, inclusive a capa (Pelé nos braços da torcida, com a taça na mão) e as fotos da grande final. Nos títulos e nos textos, superlativos, a sensação de estar com a alma lavada: "A taça é nossa, para sempre"; "Os super-heróis, os deuses, os supercraques"; "Itália, um vice desesperado e muito violento"; "Eram 11 feras mesmo".

A maior parte da revista é dedicada a recapitular a campanha vitoriosa, jogo a jogo. Ao falar da quinta partida, o 3 a 1 sobre o Uruguai (com direito a fotos em cores pela primeira vez), o título é igualmente exagerado: "O ódio, a raiva, os gols, o choro". Numa das fotos, a legenda escancara o espírito: "Os uruguaios queriam brigar? Nós estávamos dispostos a tudo".

Depois de conquistar o tri, no domingo 21 de junho, a seleção embarcou no dia seguinte de volta para casa. "A partir das 11 horas da terça-feira dia 23, Brasília e o governo pararam. Ali, os tricampeões do mundo pisariam pela primeira vez o solo do Brasil. E Brasília preparou para eles a maior festa de seus dez anos de existência. Todas as ruas e avenidas, do aeroporto até o Palácio do Planalto, estavam cheias de torcedores. Depois do almoço, Zagallo e os jogadores receberam um cheque de 25 000 cruzeiros cada um (o prêmio dado pela CBD tinha sido de 80 000 cruzeiros). À tarde, todos seguiram para o Rio de Janeiro. E, no dia seguinte, São Paulo, Belo Horizonte e Porto Alegre receberam seus craques.

Em Minas Gerais, Tostão, Piazza, Fontana e Dario foram recebidos pelo governador Israel Pinheiro, que deu a cada um deles um lote no bairro das Mangabeiras, avaliado em 80 000 cruzeiros. "É para vocês construírem os seus palacetes. Menino Tostão, você agora pode até se casar." Na capital do Rio Grande do Sul, o lateral Everaldo, do Grêmio, ga-

RIO
O MAIOR CARNAVAL QUE JA SE FEZ

Quando Carlos Alberto atravessou a porta do avião e ergueu a Taça Jules Rimet, todo o Galeão explodiu num grito de alegria e até os soldados da Aeronáutica esqueceram o cordão de isolamento que faziam, para também erguer os braços e aplaudir.

De repente, a pista do Galeão, que estava interrompida há doze horas, foi transformada na maior pista de carnaval de todos os tempos. A chuva fininha que caía não impediu ninguém de dançar, gritar "Brasil", pular e chorar, enquanto a Banda do Corpo de Bombeiros tocava o hino da Seleção, de Miguel Gustavo. /segue

nhou um trono sobre um caminhão aberto, no qual também há pessoas assando churrasco e bebendo chimarrão, como se fosse um legítimo Centro de Tradições Gaúchas. "A camioneta de uma rádio, com alto-falantes, vai tocando músicas dos Beatles", descreve a reportagem. "Um gaúcho que aguentou o repuxo", lia-se em faixas nas ruas.

No Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, Clodoaldo, Rivellino, Ado, Leão, Baldocchi, Zé Maria, Joel, Edu e o massagista Mário Américo desceram do avião Caravelle, para delírio dos 20 000 presentes. Houve uma decepção: a taça Jules Rimet tinha ficado no Rio, assim como o capitão Carlos Alberto — e Pelé, alertado de que a mulher, Rose, não estava passando bem, pegara um táxi-aéreo e já estava em Santos desde cedo. Mas nada estragou a alegria. "Por toda a Avenida Rubem Berta as pessoas jogavam-se contra o cordão de isolamento. Para a Polícia Militar era difícil conter o povo, principalmente quando passava o carro do Corpo de Bombeiros levando os jogadores. No outro lado da pista, automóveis em fila do aeroporto até a cidade. E os motoristas aumentando o barulho já infernal dos foguetes com suas buzinas."

E foi assim que PLACAR contou a conquista do tri. Com direito a um novo texto sobre a vitória na final, 4 a 1 sobre a Itália. Assinado pelo repórter Hedyl Valle Júnior, que estava no Azteca naquela tarde, ele tem o prosaico título de "21 de junho, três da tarde". Depois de descrever a *fiesta* da torcida local, Valle Júnior passa a contar em primeira pessoa o que viveu. "Faltavam quatro minutos quando eu comecei a chorar. Clodoaldo driblar seis italianos num espaço de 5 metros. Jair lançar para Pelé. Pelé parar à frente de cinco beques e esperar a entrada de Carlos Alberto, para lhe rolar a bola. Carlos Alberto esperar a saída do goleiro para dar uma paulada na bola, no canto, certeira — isso é demais, pelo menos para mim. E, parece, não era apenas para mim. Gérson apenas ajoelhou-se junto à linha do meio-campo — e chorou. Atrás do gol onde Carlos Alberto erguera os braços sorrindo, agora havia uma pilha de jogadores chorando: em volta, um monte de repórteres fotografando — e chorando. *(...)* Entendem, agora, por que aquela festa fez tanta gente chorar?"

SEAN DEMPSEY/PA IMAGES/GETTY IMAGES

A amarelinha de algodão, a que ficou com um zagueiro italiano, leiloada na Christie's londrina em 2002: o equivalente a 530 000 reais

A LENDA DA 10

Pelé usou três camisas na final da Copa: uma no primeiro tempo, outra no segundo e uma terceira na cerimônia de entrega da taça. A multiplicidade só fez crescer a fama daquele peça

Levado pela reportagem de PLACAR a comentar a relevância da camisa 10, aquela que em 1970 foi tingida de dourado, Pelé diz o seguinte: "Por coincidência, eu nasci no mês 10; na escola, 10 era a nota máxima; como católico, respeito os Dez Mandamentos. Para completar, na seleção eu recebi a camisa 10". Simples assim. Não se sabe, com a necessária certeza, a origem da 10 como símbolo e sinônimo do craque de um time, embora quase sempre a explicação leve a 1958, na Suécia, suposto nascimento da mítica. O então menino de 17 anos ficou com a 10 por acaso — os números foram sendo distribuídos aleatoriamente. O resto é história, e a história ensina que o cara bom de bola, o melhor, o cracaço tem de vestir a 10 (não por acaso, Gérson, Tostão, Rivellino e Jairzinho eram 10 em seus times).

Mas a mãe de todas as 10, a amarelinha da finalíssima contra a Itália, de tão monumental, não poderia mesmo ser uma só. Foram três. Pelé usou uma no primeiro tempo, outra no segundo e uma terceira na cerimônia de entrega da Jules Rimet, ao pé das tribunas de honra. E a trinca de algodão viajou pelo planeta, como lembrança rara e cara. Uma delas estava com o zagueiro italiano Roberto Rosato, que praticamente a arrancou do craque ao apito final, e foi leiloada em 2002 pela veneranda Christie's de Londres pelo equivalente a 530 000 reais. A outra é de Marcelo Chirol, filho de Admildo Chirol, o preparador físico daquela seleção. A terceira, que pertencera a Zagallo, foi levada ao martelo em 2007, arrematada pelo cineasta e editor João Moreira Salles por 220 000 reais, e hoje pertence ao acervo do Museu do Futebol, no Estádio do Pacaembu transformado em hospital de campanha, em São Paulo. É a única relíquia de pano da coleção — e apenas uma pessoa tem o direito de tocar na malha de algodão: a historiadora Teresa Cristina Toledo de Paula, especialista em conservação e restauro da Universidade de São Paulo, segundo revela o site Guia dos Curiosos, de Marcelo Duarte, ex-diretor de redação de PLACAR. Longa vida para a 10 eterna.

Alexandre Senechal

"90 MILHÕES EM AÇÃO" — DESCANSE EM PAZ

Como Regina Duarte conseguiu enterrar a marchinha que, depois de servir à ditadura, tinha sido desossada, tornando-se apenas uma canção emocionante ao ritmo dos gols

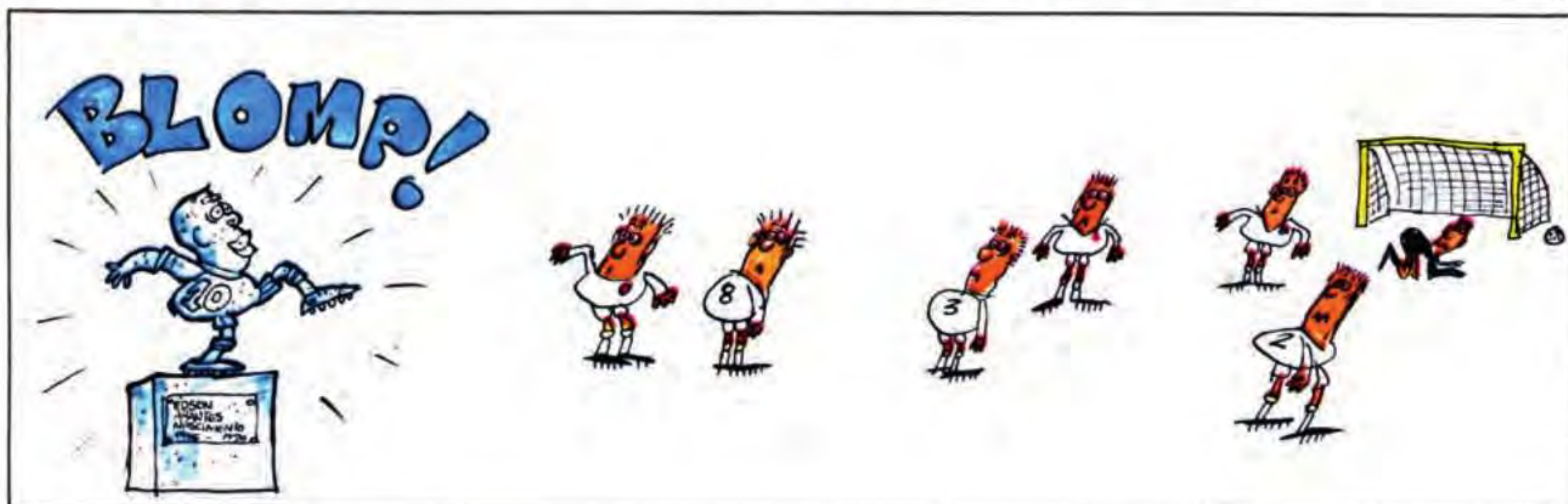
No início de maio, a secretária de Cultura, Regina Duarte, que em 1970 era "a namoradinha do Brasil", exibiu numa entrevista para a CNN uma faceta grotesca de sua personalidade: cantarolou trechos de *Pra Frente Brasil*, o hino do tri, instada a comentar os dias difíceis pelos quais passamos, ao dizer que estamos sendo pessimistas demais com a tragédia da Covid-19, "desenterrando os mortos". Gesticulando freneticamente, ela fez uma performance bizarra e indagou ao perplexo entrevistador: "Não era bom quando a gente cantava isso?". Não. O bom eram as vitórias da seleção; a marchinha era, sim, adesiva — mas não poderia servir de melodia de louvação à ditadura, e quem usava esse recurso estava interessado em outra coisa, não no que se via nos gramados do México. Regina Duarte, histriônica, pôs uma lápide numa das trilhas mais conhecidas do esporte. Ela matou, metaforicamente, a canção.

Mas qual é, afinal, a história da marchinha desenterrada e enterrada pela secretária? Composta por Raul de Souza (melodia) e Miguel Gustavo (letra), a música foi a vencedora de um concurso organizado pelos patrocinadores dos jogos. Gustavo, que era jornalista e morreu em 1972, ganhou notoriedade criando sambas e marchas. É de sua autoria, por exemplo, *Dança da Boneca*, dos versos "Ó Teresinha, ó Teresinha", gravada por Chacrinha em 1967. A melodia chiclete é de Souza, que gravou os instrumentos com a Orquestra da Rádio Globo. Em seus 84 anos de vida, ele trabalhou com Sérgio Mendes, Milton Nascimento, Sonny Rollins, entre outros. Os versos quase pueris — "De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão / Todos ligados na mesma emoção, tudo é um só coração" — ainda emocionam, por remeterem a Pelé e cia, e não aos mandachuvas de Brasília. Éramos, sim, no futebol, um só coração — mas a atriz agora vestida de política desafinou.

Felipe Branco Cruz

Miguel Gustavo e o disco compacto do sucesso: "De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo o Brasil deu a mão"

REPRODUÇÃO

Henfil vê BRASIL 4 x 1 TCHECOS
BLOMP!
EU AVISEI PRO PELÉ NÃO FICAR CAPRICHANDO DEMAIS...

GÊNIO DA RAÇA

Em 1970, Henfil era um dos mais severos críticos da ditadura militar — mas, sensível, não misturava política com futebol, e foi um animado torcedor da seleção. É possível reviver a trajetória de vitórias no México por meio das charges do irmão do Betinho

Ele já era famoso no Brasil com suas charges de traços simples e humor cortante — destinadas a espicaçar os ridículos ditadores de plantão. Assinava os desenhos como Henfil, espécie de abreviatura de Henrique de Souza Filho, e fazia sucesso nas páginas do jornal *Pasquim* e de PLACAR na época da Copa do Mundo do México. Natural de Ribeirão das Neves, na região metropolitana de Belo Horizonte, começou a trabalhar como cartunista em 1964, na revista *Alterosa,* na capital mineira. Também atuou no *Diário de Minas* e, já morando no Rio de Janeiro, no *Jornal dos Sports,* no *Jornal do Brasil* e nas revistas *Realidade, Visão* e *O Cruzeiro.* Herdou dos pais a hemofilia, enfermidade que impede a coagulação do sangue (ou seja, torna a pessoa mais suscetível a hemorragias). Numa transfusão, contraiu o vírus da aids — e acabou morrendo de complicações da doença em janeiro de 1988, um mês antes de completar 44 anos. Sempre foi considerado um gênio do humor, tanto na crítica política quanto na análise esportiva. Nas próximas páginas, uma pequena seleção de trabalhos publicados em PLACAR durante o Mundial de 1970. São uma homenagem ao tri, mas também ao trabalho do irmão do Betinho, que partiu num rabo de foguete.

Henfil
BRASIL 70
3×1
URUGUAI 50
SANGUES DE BARATA!

FROUXOS!
CUSP!

MARICAS!
TOP!

JOGUE ESTA BOLA FORA E LUTE COMO HOMEM!

Henfil
ZEFERINO
NO MÉXICO

VOCÊ NÃO SE IMPÕE, ZAGALO? NO QUARTO DE PELÉ HOUVE UMA REUNIÃO QUANDO FOI ESCALADO O TIME DEFINITIVO!

CALÚNIA! QUEM MANDA NA SELEÇÃO SOU EU!

PROVA!

SIGA-ME, SENHOR ZEFERINO!

PELÉ! QUEM ESCALA O TIME É VOCÊ?

MENTIRA DA IMPRENSA! NÃO SOU EU QUEM ESCALA...

...É O GÉRSON! EU DITO APENAS A TÁTICA...

13 PLACAR

Henfil APRESENTA
ZEFERINO
CONTRA O
FUTEBOL-ARTE!

DARIO! DARIO!

CAMONIBOI!

MAS SALDANHA!
QUEM TEM DIRCEU, ZÉ CARLOS, PELÉ, NÃO PRECISA DE UM DARIO!

O DESLOCAMENTO DO DIRCEU É UMA SINFONIA EM MI BEMOL MAIOR DE MOZART!

A CLASSE DOS PASSES DE ZÉ CARLOS LEMBRA UM POEMA DE CARLOS DRUMOND DE ANDRADE...

O TOQUE DE PELÉ É COMO A FRAGÂNCIA DE UMA ORQUÍDEA, O TRINAR DE UM ROUXINOL...

E QUANDO ENCONTRAREM PELA FRENTE QUATRO ZAGUEIROS EUROPEUS DAQUELES ENORMES BEM GROSSOS? HEIM? HEIM?

Ô JOÃO! TODO MUNDO, TODOS OS JORNALISTAS, TODA A TORCIDA, TODO O BRASIL RECLAMA POR UM ROMPEDOR DE ÁREA, POR UM DARIO!
NÃO É NÃO!

É UM ABSURDO! VOCÊ NÃO PODE CONVOCAR O DARIO! TODO MUNDO ESTÁ CONTRA! VOCÊ NÃO PODE!

NÃO MUDO A ESCALAÇÃO! NÃO ADIANTA! DARIO É O TITULAR!

Henfil
ZAGALO

QUE TRANQÜILIDADE! ESTAMOS LONGE DO BRASIL, DA PRESSÃO DA TORCIDA, DAS CRÍTICAS DA IMPRENSA...

A 2 MIL METROS DE ALTITUDE! A MILHARES DE QUILÔMETROS DOS 90 MILHÕES DE TÉCNICOS!!

POSSO PÔR O TIME QUE EU QUISER ESCALAR QUEM EU QUERO...

ESTOU GARANTIDO PELOS QUILÔMETROS QUE NOS SEPARAM!

PAULO CÉSAR É O TITULAR!!
NADA...

EDU SERÁ O MASSAGISTA! RIVELINO JOGARÁ NO GOL!!

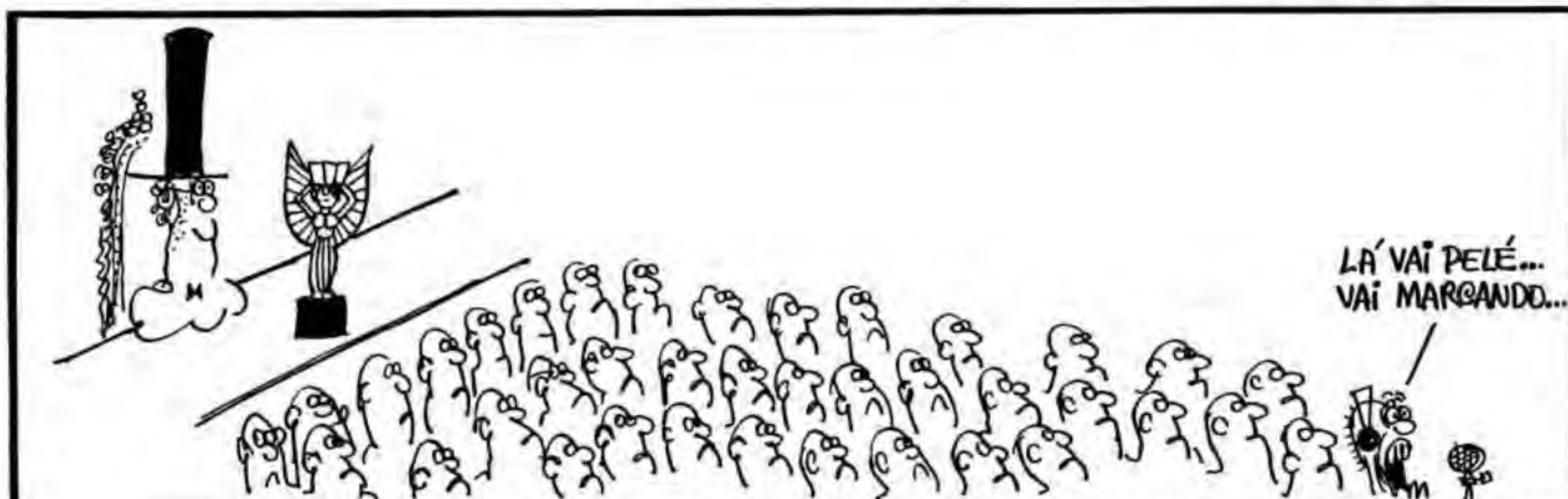
NADA...

TOSTÃO SERÁ CORTADO!

BUUUUUuuuu....

Henfil

O TRICAMPEÃO!

6 PLACAR

GOOOL DO BRASIL! 4x1!
VAI CLODÔ! NÃO PARA A BOLA Ô CHATO!
ALBERTOSI, NÃO!
BAIXA O PAU PIAZZA! DEIXA DE DELICADEZA!
NÃO É POSSÍVEL! SOLTA A BOLA Ô GÉRSON MURRINHA!
OLHA A HORA, DESGRAÇADO!
SEGURA ESTA TAÇA DIREITO CARLOS ALBERTO MOLÓIDE!
PLACAR 7

NOTÍCIAS DE 50 ANOS DEPOIS

Depois de retroceder até 1970, o "Comentarista do Futuro" retorna a 2020 e revela as íntimas ligações entre os lances do México e o que aconteceria depois com a seleção e o futebol brasileiro e mundial

Claudio Henrique

O jornalista Claudio Henrique já editou Copas em diários, revistas e no rádio, lançou livros e CDs. Mas aproveitou o confinamento para se arriscar ainda mais, embarcando numa máquina do tempo, movida a cabos e HD, que o levou até cinquenta anos atrás. Publicou resenhas nas redes sociais sobre cada jogo para os torcedores daquele tempo. Agora, de volta, conta o que revelou sobre as cinco décadas que ainda viriam pela frente.

Foi uma jornada épica — e estou falando da minha. "É triiiii! É triiiii! É triiii!", eu gritava ao final, abraçado ao narrador Geraldo José de Almeida e ao Pelé, os três pulando euforicamente no Azteca após o 4 a 1 sobre a Itália. Que privilégio foi deixar este 2020 de nenhuma mobilidade para seguir na maior das viagens, no tempo e no espaço, até 1970, assistindo aos jogos da Copa das Copas. Mas agora, já de volta, preciso confessar: cometi algumas inconfidências aos meus leitores de 70, antecipando muito do que viriam a ver no futuro do futebol e dos Mundiais. Até do VAR eu falei, meus amigos. As cartas que recebi, porém, deixam claro que houve mais interesse por outras novidades, como a decisão por penalidades máximas, não poder mais atrasar a bola para o goleiro ou as variadas formas de comemorar um gol criadas após o sucesso do soco no ar, marca do Rei. Era mesmo diferente o futebol de antigamente. As redes eram de barbante escuro, goleiros não gostavam de usar luvas, capitão não usava faixa no braço, chuteiras eram todas pretas, como meus Kichutes, e tocar a bola de pé em pé não se chamava "tique-taque"... Era só "jogar futebol" mesmo.

O tempo é como o nosso marcador Piazza, implacável. Ele é capaz de transformar jogadores medianos em craques, após as orientações da saudade, ou cristalizar famas injustas. Por isso tentei reparar, já na origem, alguns desses erros cruéis, cometidos com Everaldo e Félix, por exemplo. A cada defesa do nosso arqueiro, eu puxava gritos e uhus na nossa torcida, tentando garantir replays na memória afetiva da galera. Aproveitei para contar sobre um cabeça de área que no futuro também não teria o reconhecimento merecido, aquele com nome de anão da Branca de Neve. Que depois daria a volta por cima, mas colocaria tudo a perder ao virar técnico com atitudes de outro anão, o Zangado. Retornei ao século XXI e vejo que os três seguem no panteão dos injustiçados. Pelo visto, aquela história de voltar ao passado e alterar os fatos no futuro só funciona no cinema.

Já que não faz diferença, não fiz mal em revelar segredos dos anos que ainda iriam viver no fu-

BRAND X PICTURES/GETTY IMAGES

tebol. Na estreia, por exemplo, tensa, contei que, em quatro anos, na Alemanha, teríamos que aturar o Brasil empatando os dois primeiros jogos, Iugoslávia e Escócia, e se classificando após um suado 3 a 0 contra o Zaire, sim, o Zaire, com gol espírita de Valdomiro, nosso ponta após anos de Garrincha e Jairzinho. E que a Alemanha seria protagonista de outro momento triste da seleção no futuro. Mas sobre esse preferi não dar detalhes, justificando que tinha sete motivos para isso.

Ao término da batalha contra a Inglaterra, cutuquei o Armando Nogueira, ao meu lado, e apontei lá no campo o encontro entre Pelé e Bobby Moore, nos cumprimentos finais. Um instante que poucos viram mas, expliquei, se tornaria um marco. Até ali, nem vocês devem saber, a troca de afagos após as partidas não era consagrada no futebol, e muito menos a troca de camisas! Sim, estava nascendo um ritual. E o Armando viu. Graças a mim.

Tentei deixar o máximo de spoilers. A Romênia nunca mais enfrentaria o Brasil em Mundiais, serão apenas amistosos até 2020, um deles a despedida de um grande jogador que teremos, de dentes também enormes. Infelizmente, nesse jogo, também exibirá dimensões gigantescas em sua cintura. Mas antes já terá nos dado uma Copa. Na partida contra a Romênia, aliás, ocorreu um dos meus "déjà-vu do futuro" — se é que me entendem. Tataru bate uma falta lá do meio da rua e por pouco não surpreende Félix. Em 2002, revelei, teríamos um atacante com dentes ainda maiores que os descritos acima e ele faria gol em lance idêntico, contra os ingleses. Somente quinze anos depois admitirá que não era bem aquilo que queria fazer. O Tataru também não. Posso garantir. Eu estava lá.

Por vezes tinha de recorrer a licenças poéticas para explicar algo do futuro. No jogo contra o Peru, Gallardo marca após rebote do nosso Félix. Em 2020, comparei, chamaremos lances assim de "assistência": quem faz "meio gol". Mas em outros momentos a referência era fácil. Aos 36, Pelé chuta e o goleiro peruano tenta defender. A bola escapa e vai caprichosamente na trave, voltando ao arqueiro. Contei que teríamos a mesma emoção dentro de 24 anos, e numa final de Copa! Um cabeça de área, Mauro Silva, desferirá bomba contra a meta italiana e a pelota cumprirá traçado quase igual. Mas fiz a ressalva: "Longe de estar comparando o Rei ao Maurão. Como eu, enviado de 2020, esses dois estão há cinquenta anos de distância. Anos-luz!"

Tostão vinha sofrendo pressão por não marcar gol no México. Quando desencantou, não me contive. Revelei que até 2020 teríamos um centroavante que passaria a Copa em branco. E que, para piorar, na partida em que acabaríamos eliminados, seria um dos dois jogadores a subir numa bola cruzada na nossa área, em jogada que acaba em gol deles. Detalhe: não será o tal centroavante a tocar na bola. Ou seja: nem gol contra ele vai acertar. Ai, Jesus!

Após a vitória sobre o Uruguai, vaticinei que os jornais brasileiros certamente deveriam amanhecer com manchetes do tipo "Enterramos o fantasma", numa alusão ao *Maracanazo* de 50. Deixei registrado que meio século depois qualquer jogo contra os uruguaios ainda renderia títulos assim. Zumbi seria o jornalismo esportivo brasileiro. Veio a final e, aos 44 da primeira etapa, Pelé marca, mas o juiz invalida alegando que já terminara o jogo. Bom momento para denunciar canelada semelhante que seria cometida por outro árbitro em 1978, quando Zico fará de cabeça contra a Suécia, após escanteio, e o juiz balançará os bracinhos alegando também já ter apitado o fim da peleja. E olha que em 78 já teremos João Havelange presidindo a Fifa! — cutuquei os argentinos.

Momentos mais difíceis passei ao descrever a tragédia do Sarriá ou ao contar que aquele Brasil x Itália, que valia a posse definitiva da Jules Rimet, era uma disputa inócua. No século XXI, escrevi, na última vez que foi vista por alguém, a taça estava bem "fora de forma". Mas teve um gostinho especial revelar que encontraríamos os italianos em mais uma final. E, pelo sim pelo não, deixei alguns recadinhos aos nossos rivais: escalem Baggio, mesmo machucado, pois esse futuro camisa 10 de vocês será exímio cobrador de penalidades. Quando chegar o dia, não esqueçam: botem o homem pra jogar e bater pênalti! Ah, Baresi e Massaro também... Não erram um.

PAULO CEZAR CAJU

A "BOA" MENTIRA QUE FEZ PELÉ TREINAR COMO NUNCA

A prática de inventar problemas médicos para evitar convocações é muito cruel, mas no famoso caso da suposta miopia do Rei foi um truque motivacional de Saldanha

Para os que acham as *fake news* um fenômeno atual, posso garantir que na Copa do Mundo de 70 elas já causavam estragos consideráveis. Esse foi um tema levantado por um amigo, Israel Cayo Campos, professor de ciências humanas e naturais, profundo conhecedor de futebol, e prometi comentá-lo aqui. Por coincidência, outro dia assisti a uma entrevista do lateral-esquerdo Rildo na qual ele lamentava seu corte. E tinha de lamentar mesmo, afinal ele havia jogado as eliminatórias e tudo indicava sua ida ao México, mas surgiu um inesperado sopro no coração. Verdade? Mentira. Tanto Saldanha quanto Zagallo conheciam Rildo dos tempos do Botafogo. O problema é que nenhum jogador pôs a boca no trombone na época, não sei se por respeito ao treinador ou intimidados com o poder dos militares.

Se forem conversar com Sebastião Leônidas, um dos maiores zagueiros que vi jogar, ele também contará uma história parecida com a de Rildo. Saldanha nem sequer o chamou para as eliminatórias, e ele havia ganhado tudo, estava em uma fase espetacular. Tempos depois soube que um sopro no coração também tinha sido o motivo para sua ausência nas convocações. Outro grande zagueiro que ficou de fora foi Djalma Dias, titular indiscutível durante os jogos classificatórios, em 1969. É óbvio que havia uma política nos bastidores, com as federações de outros estados forçando a barra por seus jogadores. E essa queda de braço foi a responsável pela convocação do gaúcho Everaldo, do Grêmio. É claro que ele era bom de bola, mas Rildo e Marco Antônio jogavam mais. No caso de Leônidas, também foi mais ou menos assim. Nas eliminatórias, foi o Scala.

"Inventaram um sopro no coração de Rildo. Nenhum jogador pôs a boca no trombone na época, não sei se por respeito ao treinador ou intimidados pelo poder dos militares

Essa prática de inventar problemas médicos é muito cruel. Rildo e Sebastião Leônidas continuaram jogando normalmente por seus clubes. Se fosse comigo, eu teria armado um barraco tremendo — e vocês me conhecem e sabem que eu armaria. O ponta Arílson que o diga! Em uma dessas convocações politiqueiras chamaram o Arílson, que, diga-se de passagem, estava jogando muita bola. Mas queriam alguém do Flamengo, e ele mesmo contou em uma entrevista que em um jogo-treino, no Maracanã, aberto ao público, Zagallo avisou que ele entraria no segundo tempo. Eu estava de titular. Aí, o Velho Lobo, no intervalo, me chamou e veio com uma conversa-mole: "Olha, estou pensando em fazer um teste com o Arílson...". E eu de bate-pronto respondi que, não sendo no meu lugar, achava uma ótima ideia, kkkkk. O fato é que o Arílson não entrou.

Se você colocar o galho dentro, eles se aproveitarão disso. O Sebastião Leônidas é extremamente tímido, e isso acaba atrapalhando. Com o Toninho Guerreiro foi a mesma coisa, inventaram uma contusão crônica em seu tornozelo. Mentira! Jogou anos depois e nunca sentiu nada. Tudo bem que Tostão ganhou a vaga, e não teria chance, mas a mentira fere. Talvez a única mentira "saudável" tenha sido a miopia lançada por João Saldanha que tomou conta dos noticiários. Saldanha sentia que Pelé andava muito acomodado, e ele havia feito uma Copa horrível em 66. Queria motivar o "crioulo", como chamava Pelé. Chegou a colocá-lo no banco para Dirceu Lopes, em São Paulo. Olha, nunca vi Pelé treinar tanto na vida. Como alguém poderia chamá-lo de cego? — devia pensar. E danou a fazer gols! Não era *fake news*, mas motivação. Saldanha cutucou a onça com vara curta, e o resto da história vocês já conhecem.